

CORAÇÃO DE SAMPAULINO

ROMANCE

DIMAS DE ALMEIDA

Coração de Sampaulino

A capa deste livro é de autoria do escultor
Alfredo Oliani, desenhista-projetista do De-
partamento de Educação Física do Estado.

DIMAS DE ALMEIDA

CORAÇÃO DE
SAMPAULINO

Romance



1943
SÃO PAULO

PORQUE “CORACÃO DE SAMPAULINO?”

Antes de darmos inicio a este livro, o titulo já estava escolhido. E foram muitas as razões que militaram em favor dele, existindo dentre elas varias que são conhecidas de todos os que estão a par da vida do São Paulo F. C.

Quando em conversa com alguns colegas dissemos que o titulo seria “Coração de Sampaulino”, encontramos muitas opiniões divergentes.

Achavam que o titulo devia ser generico porque, diziam, seriamos imediatamente tachados de sampaulinos o que, evidentemente, para quem se jacta de pautar sua linha de conduta por uma absoluta neutralidade, não seria das coisas mais agradaveis.

Esse motivo serviu-nos de ponto de partida para tecermos aqui algumas considerações sobre a profissão de cronista esportivo, em torno da qual formou-se um verdadeiro tabú, dificultando o desempenho da missão dos profissionais da pena, porque publico e dirigentes jamais admitem que esses homens que auxiliam o progresso de nossas agremiações, escrevam qualquer coisa especialmente dirigida a um dos componentes da cadeia esportiva paulista.

Si o cronista — visando apenas fazer justiça — enaltece o feito de um clube, seja esportivo, social ou administrativo, é logo apontado como apaixonado defensor do citado clube, incorrendo no odio das correntes contrarias.

Chegamos a tal ponto de incompreensão e de intolerancia, que o cronista, si deseja provar a sua neutralidade, tem que se insurgir contra todos os clubes indistintamente, censurando-os com veemencia.

Assim praticando, não temos duvida, ficará isolado porque ninguém ha de tolerar um comportamento de tal jaez. E o pior é que o cronista — provando a sua neutralidade com o intuito de prevenir futuras antipatias — cairá no extremo oposto: ficará totalmente antipatisado porque então até os proprios dirigentes, na sua totalidade, evitarão o homem que entendeu de traçar novas normas aos profissionais da imprensa.

Si fosse vedado ao cronista elogiar e engrandecer os feitos de qualquer clube, a imprensa perderia a sua função basica, que é aquella de estimular e cooperar.

Ficariamos situados no terreno daninho da hipocrisia, com receio das criticas dos inconsequentes e deixariamos, ipso-facto, de encorajar os homens que teem a tarefa de traçar o progresso dos clubes esportivos paulistas e brasileiros.

Assinalando as boas coisas que fizeram e fazem os clubes de São Paulo, o cronista não está patenteando a sua simpatia pessoal, mas apenas registando um fato digno da atenção geral, enaltecendo um trabalho com o fito louvavel de apontar a bene-merencia do seu autor.

Si por acaso fossemos seguir essa opinião errada que considera crime o cronista fazer referencias especiais a determinado clube, teriamos de admitir então que as relações entre dirigentes deveriam ser proibidas. Cada qual ficaria situado no seu proprio setor, fechado num circulo de ferro, indifferente ao entrelaçamento que deve existir em todas as correntes, para que o progresso se processe uniforme e integral.

Voltariamos ao primitivismo dos clans e cada clube, ao envez de ser uma celula viva a colaborar no impulso esportivo do país, tornar-se-ia um estabelecimento estaque.

Poderiamos escrever um romance relacionado com qualquer clube paulista que não fosse o São Paulo F. C. Mas, acontece que o tricolor foi capaz de realizar uma carreira invulgar em apenas pouco mais de uma dezena de anos e isso, forçosamente, coloca o clube do sr. Decio Pedroso em situação impar.

Que o Corinthians, Palmeiras, Ipiranga, em suma, todos os demais nucleos esportivos bandeirantes realizem grandes coisas é compreensivel. Possuem patrimonio de subido valor material e tecnico, principalmente os dois primeiros, e porisso dispõem de fatos reais para neles colocar a alavanca que os impulsiona continuamente.

Com o São Paulo não se dá o mesmo.

Apenas foi possivel o seu crescimento no terreno tecnico e a conquista da posição que hoje ocupa, graças ao incrível devotamento demonstrado por todas as correntes que o compõem.

Amparados apenas na confiança absoluta no futuro, mas que nenhum fato vinha evidenciar, o que mais enaltece essa flama de entusiasmo, os sampaulinos conseguiram colocar o São Paulo emparelhado com a pujança esportiva de São Paulo.

Talvez em nenhum clube ou cometimento de qualquer outra especie caiba, tão bem ajustado, o titulo de "Clube da Fé". Realmente da fé, porque somente esta seria capaz de manter aquela afeição que transformou o apagado clubinho que era uma colcha de retalhos — ao tempo da rua da Moóca — no hoje soberbo conjunto de tecnica e disciplina que todos conhecem.

Que melhor enredo poderia haver para um romance?

É natural que não poderíamos escrever um livro sobre o São Paulo, sem que nele figurassem também os demais clubes paulistas.

Partes de um todo, eles formam os elementos constitutivos desse corpo que hoje apresenta a terra de Piratininga como a expressão máxima do esforço e da tenacidade.

A vida de qualquer clube bandeirante serviria, igualmente, para tema do nosso livro. Mas a escolha recaiu na do São Paulo por apresentar o ineditismo de uma ascensão invulgar, vencendo a nebulosidade do indiferentismo e da descrença.

O livro tem muitas falhas. Inúmeras mesmo.

Escrito nos poucos momentos de lazer que nos sobram da labuta diária, apresenta lacunas. Nem poderia ser de outra forma.

Feito quasi de um só arranco, na pressa de acompanhar a vertiginosidade desse soberbo campeonato paulista de 1943, não pudemos apurar a sua forma.

Ele aparece um tanto aspero, atestando que lhe faltaram a lima e a lixa que lhe deviam alisar e polir.

São Paulo, Outubro de 1943.

DIMAS DE ALMEIDA

Primeira Parte

1

A cidade de Pedrouços saíra de sua pacatez e suas ruas apresentavam um movimento incomum, desordenado, como a apontar aos surpresos, que sucedera coisa eminentemente pasmosa, para tirar a localidade de sua modorra habitual.

O dia era o 16 de Maio de 1943 e nessa tarde memorável o São Paulo Futebol Clube, depois de atuações apagadas no campeonato, conseguira registrar uma vitória de envergadura, derrotando o Santos F. C. pela contagem de 6 pontos a 1.

Pedrouços, cuja população, numa percentagem de 80% era sampaulina, não cabia em si de satisfação. Aqueles que já haviam perdido a esperança de ver o São Paulo F. C. novamente na trilha do cetro, criaram novo animo e as manifestações de alegria iam num crescendo estrepitante à medida que as horas avançavam.

A banda de musica encarapitou-se no coreto do jardimzinho que ficava entalado entre a Cadeia e a Igreja, e todo o seu repertorio veio a publico, tirado do velho baú do Frasão, o veterano regente que já formara gerações de musicos. As notas subiam estridulas no ar morno da tarde e a população, em traje domingueiro, circulava num giro continuo, à espera que o modorrento sino mor badalasse as Ave-Marias, chamando-a para perto de Deus.

A reza daquele dia subiria com maior calor aos pés do Onipotente e até o incenso que o turibulo esparzia sobre os altares, teria um perfume mais ameno, mais suave, divino quasi, como a traduzir o extase dos fieis.

A vitória do São Paulo era agradecida de joelhos, com fervor, tal o sentimento que empolgava os habitantes de Pedrouços, tricolores abnegados e convictos.

Si bem que essa vitória não representasse a remoção do unico obstaculo do campeonato, tinha no entretanto grande merito em vista da má conduta do quadro nos prelios anteriores.

O tricolor iniciara o certame realizando jogos apagados, em contraste com os valores que integravam a equipe. Porisso mesmo causaram maior decepção, pois todos esperavam do quadro uma conduta compativel com o seu renome e, principalmente, com o dispendio financeiro que o clube fizera.

Assim se explica a alegria que dominava os pedroucenses. Os inflamados sampaulinos, por uma dessas intuições que iluminam, num relampago, os que creem firmemente, viram nessa vitória expressiva contra um quadro como o Santos F. C. o inicio de uma carreira brilhante para o tricolor, que o levaria fatalmente à ambição maxima: o titulo de campeão.

Pedrouços ia, aos poucos, sendo envolvida pelo entorpecimento coletivo de sua população.

Os ultimos sons do orgão da igreja ha muito já tinham se diluido no espaço e as vozes do coro vibravam apenas nos ouvidos dos fieis que se recolhiam. A cidade escondia-se nas dobras das sombras e suas ruas tinham o sono interrompido só pelas lampadas morticas, que punham pontos indecisos nas pedras irregulares.

João Costa era, talvez, o unico habitante que se encontrava àquela hora na rua. Indiferente à solidão que o cercava, caminhava alegre, quasi sorridente, como si fosse em palestra interessante com alguém bem humorado. Ia à casa de Francisco Camara, seu companheiro de infancia e que com ele partilhava da simpatia que tinha pelo S. Paulo F. C.

Esperava encontrar o amigo ainda acordado, pois sabia-o fervoroso adepto do futebol e àquela hora, naturalmente, es-

taria consultando o seu bem feito arquivo, acrescentando-lhe os resultados verificados nos jogos da capital e tirando deduções para futuros prognosticos.

Os elos daquela amizade entre Francisco Camara e João Costa vinham dos primeiros anos de sua infancia. Filhos ambos de familias relativamente ricas, haviam recebido instrução ginasial. No tempo em que o café atingiu a cifras vertiginosas, provocando aquella corrida doida na compra de fazendas, os pais desses dois amigos, amigos intimos tambem, seguiram a maioria.

Converteram em dinheiro as respectivas casas de negocios, levantaram do Banco do Povo as reservas lá acumuladas e tornaram-se senhores de largas terras, com inumeras ruas de verdes cafeeiros naquele alinhamento tão bonito aos olhos, mas que representa o esforço de varios anos de ininterrupto trabalho e sacrificio. Naqueles grãos vermelhos e cheirosos estavam cristalizadas as bategas de suor dos colonos mal dormidos e mal alimentados, que saiam de madrugada, enxada às costas, levando como unico alimento o angú e, às vezes, raramente, um pouco de leite.

Os pais de João Costa e Francisco Camara contavam multiplicar o capital ao infinito. O café subia diariamente e os sitios outrora abandonados à propria sorte, alguns alqueires de terra inculta, ostentavam ares de "Fazendas". Qualquer cantozinho de chão, bastava que tivesse meia duzia de cafeeiros para se rotular de "Fazenda". Pouco tempo depois, porem, veio o reverso da medalha; o café caiu com a mesma velocidade com que havia subido. Os fazendeiros transformaram-se, de opulentos latifundiarios, em desacreditados detentores de um pedaço de chão onerado, pois a maioria dos que se converteram em plantadores de café, confiados na possibilidade do produto, adquiriam imoveis cujo valor subia tres ou quatro vezes mais o capital que possuiam. Dessa forma, quando o negocio deu para traz, os fazendeiros improvisados ficaram na impossibilidade de solver seus compromissos, dos quais restava a parte mais polpuda.

A "marmelada" começou a invadir a terra e os "tizios" cantavam nos galhos dessorados, como a desafiar a audácia dos proprietários afoitos.

Nessa leva estavam os pais dos dois amigos.

O golpe foi muito forte para ambos, já no limiar do fim da vida, quando as ilusões todas se desfizeram como nuvens em dia de vento. Sucumbiram, deixando as respectivas famílias ao Deus dará.

As viúvas logo seguiram o mesmo caminho. Os filhos dos Costa, João e Carlos, foram tratados por uns tios que deles se condoeram e os empregaram no comércio. Os Camaras, Francisco, Lidia e Julia, foram tutelados por Joaquim Aveiro, coletor estadual cuja esposa tinha um instinto materno profundo e, sem filhos, adotou-os.

Francisco começou a trabalhar na coletoria e logo que pode arcar com responsabilidade, por influência do tutor, foi nomeado escrivão dela. As duas irmãs, tempos depois, casaram-se e saíram de Pedrouços. De tempos a tempos, pelas festas de Natal e Ano Bom vinham visitar os tutores e nessa ocasião a casa do coletor vivia dias de verdadeira felicidade.

João Costa começou na "Casa Amarela" como menino de levar embrulho, passar telegrama e outros misteres próprios de sua idade. Com o tempo, aprendendo desde cedo a encarar a vida pelo seu lado mais aspero, tornou-se um rapaz que podia ser citado como exemplo e passou a primeiro caixeiro. Foi nessa quadra de sua vida que conheceu Ana Moreira, filha de uma família que se transferiu da roça para a cidade.

O namoro correu sem rugas. Em pouco tempo verificaram a identidade de seus pensamentos e daí para o casamento foi um passo.

Casaram-se, e naquela placidez de uma vidinha apagada e feliz, feliz justamente por ser apagada, passavam os dias compridos de Pedrouços. João Costa era um pedroucense de boa cepa, citado como modelo pelas mães, aos filhos pre-

varicadores. Aninha era uma companheira que ansiava pela terceira figura: um filho.

João Costa ia tão engolfado nos seus pensamentos, lembrando-se da vitória do . Paulo F. C. e desejando do fundo da alma ser um grande craque para jogar no tricolor, que passou a casa do amigo. Só voltou do extase, quando percebeu que ia descendo a calçada, pois a casa de Francisco ficava no meio do quarteirão. Retrocedeu e bateu à porta.

João Costa precisava conversar. Aquela vitória do São Paulo F. C. enchera-lhe o peito, quasi lhe tirara o folego e ele tinha necessidade de contar a alguém a alegria que lhe ia na alma.

Naquele domingo, apesar dele ser centro atacante do Vulcão F. C. não foi ao campo. Queria ouvir a irradiação todinha do jogo São Paulo e Santos e fremiu durante os 90 minutos da peleja, como si estivesse no proprio Pacaembú. Os seus dotes de futebolista não eram excepcionais, porque si o fossem ele embarcaria para a Capital, transferindo-se para o conjunto tricolor.

Como desejava ser um craque! Sua alma toda se voltava para o S. Paulo F. C.

Ele precisava continuar com o amigo a conversa que tiveram à tarde, quando foi anunciada a vitória do São Paulo F. C.

Queria que Francisco lhe elucidasse certos pontos de interesse, como meticoloso estatístico que era.

Conforme João Costa previra, Francisco Camara estava ainda de pé.

— Olá Chiquinho, estava com medo que você já estivesse na cama. Queria bater um "papinho" e disse à Aninha que voltaria logo. Então, o que acha do andamento do campeonato, com relação à situação do S. Paulo F. C.?

— V. sabe que sempre acreditei nas possibilidades do tricolor. E' verdade que o time iniciou muito mal este cer-

tame, mas suas atuações apagadas foram decorrentes das continuas alterações feitas no quadro. O clube possui um numero bem elevado de jogadores de classe, mas não se pode pretender que um conjunto seja formado dos pés para as mãos. Venho acompanhando a vida do nosso clube ha longo tempo e sempre achei que o maior mal do quadro é a falta de estabilidade nas suas diversas linhas. Agora, no entretanto, creio que o "onze" acertou a mão.

— Julga então que o tricolor ainda poderá levantar o titulo de 1943?

— Naturalmente. Estamos no principio do campeonato, como você sabe, e temos muita margem para essa possibilidade. Não devemos, porem, encarar essas coisas com excessivo otimismo. O São Paulo ainda tem pela frente o Palmeiras, neste 1.º turno, e, no 2.º todos os demais concorrentes ao campeonato. Até lá, como vê, inumeras barreiras teem que ser transpostas. No meu entender julgo que o São Paulo é um concorrente seríssimo, desde que está com um conjunto de respeito e não encontra quem lhe faça frente com vantagens muito destacadas.

— Existe ainda um outro fator, fora do campo puramente esportivo, mas que atua sobremaneira neste e que você esqueceu de citar.

— Qual é? Será que deixei de apontar todos os caminhos de que dispõe o tricolor para levantar o titulo?

— Esqueceu. Então você não conta com o entusiasmo, o desprendimento, a desmedida fibra que caracterizam os jogadores sampaulinos? Calcule um quadro como o São Paulo atual, perfeitamente harmonico, e ainda dispondo desse levantado moral dos seus integrantes? Eu sou suspeito para falar porque me considero um tricolor cem por cento, mas estou quasi apostando que o titulo de 1943 vai direitinho para a séde da rua D. José de Barros.

— Não é impossivel, mas tambem não é muito facil. Tudo pode acontecer, mas você não se esqueça da sorte incrível do Palmeiras. A blague sobre o padre de Poá não

deixa de ter o seu fundo de verdade, desde que se leve em linha de conta que nessas coisas entra a vontade de todos numa "torcida" doida. Sabe que a fé remove montanhas. Depois é preciso que não esqueçamos que o homem, desde que o mundo é mundo, jamais deixou de tomar na devida consideração esses fenomenos metafisicos. Por mais irreverente que o individuo seja, mesmo que na apparencia não o mostre, ele não deixará de pensar com um certo temor nas surpresas que o mundo metafisico oferece. Isso explica essa aluvião de superstições em todos os quadrantes do mundo e em todos os povos. O homem, no fundo, é um timido e tanto mais medroso, tanto mais arrogante quer mostrar-se. Por mais que se busque a verdade quanto à origem das coisas ela permanece sempre numa meia luz, jamais deixando-se ver inteira, total.

No recondito do nosso sub-conciente permanece ainda latente aquele temor primitivo que empolgava o homem das cavernas, diante das transmutações da natureza.

Temos necessidade, em qualquer hipotese, de crer numa força dominante de nossas faculdades e guia do nosso destino. Essa necessidade de supor nossa vida dirigida por algum fenomeno transcendental, transparece mais nitida, mais precisa, mais premente, principalmente nos empreendimentos que o homem engendra. Isolado, como simples unidade, o individuo ainda mostra uns laivos de auto-determinismo que o envaidece, nessa ansia de enganar-se a si proprio. Quando, porem, o homem se mete numa arremetida e quer superar-se, quer sair desse terreno chato e inexpressivo no qual é apenas um animal, então acredita em qualquer coisa acima de sua compreensão e discernimento e entrega o seu destino ao controle desse imponderavel.

Isso exposto, podemos tambem considerar que o São Paulo, mesmo jogando todas as partidas com uma tecnica insuperavel, poderá não levar a melhor no certame. A cronica esportiva fala constantemente em "chance" que esse vo-

cabulo norte-americano está quasi integrado na lingua brasileira.

Chiquinho queria continuar. As horas avançavam. João Costa, dum jacto, lembrou-se do isolamento de Aninha, talvez ainda à sua espera. Despediu-se do amigo e saiu, ainda com as ultimas palavras de Francisco Camara a cantarem nos ouvidos.

João Costa ia com os pensamentos num tumulto. Procurava encadear todos os fatos daquele domingo, desde a hora em que foi para a loja até o momento decisivo da entrada do quadro sampaulino em campo, quando o locutor assinalou, um por um, todos os integrantes do tricolor à medida que eles subiam as escadas do tunel do Pacaembú. Viveu novamente, naquelas ruas mal iluminadas, e inteiramente só, os minutos de emoção que lhe faziam subir o sangue à cabeça, entumescendo as carotidas.

Naquela tarde nem jantou. A onda de contentamento que o avassalara tirara-lhe o apetite. Aninha havia preparado uma comida dessas que provocam agua na boca, mas mesmo assim João Costa apenas beliscou. O sampaulino ardia de alegria transbordante e tudo transpirava a vitoria do São Paulo contra o Santos.

Ah, si ele fosse um centro avante de fama havia de empregar toda a sua tecnica, todo o seu esforço, toda a sua alma em pról do "clube da fé". Bater-se-ia em campo com a mesma lisura, a mesma correção que herdara do seu pai.

Porque não nascera dotado de qualidades impares para o difficil posto? Para um conjunto como o Vulcão F. C. João Costa jogava bem, mas para chegar a integrar um time como o quadro profissional do São Paulo, decididamente não tinha credenciais. Alem de não ter muita tecnica, ainda conspirava ele a sua situação, pois sendo casado e estando profundamente radicado em Pedrouços, não poderia abandonar seu berço natal para tentar uma aventura.

João Costa, homem que ajustava todos os seus atos numa conduta retilinea, não podia comprometer o futuro de sua mulher.

E si tivesse um filho? Continuaria no seu rebento aquele fervor sampaulino, só igual ao amor que tributava à companheira? Como gostaria de ver isso. Mas, mau grado a vontade do casal, dois anos já haviam decorrido desde que João Costa, numa tarde de sol alaranjado recebera das mãos do Padre Veiga, como esposa, a carinhosa companheira que era Aninha e ainda nenhum filho viera alegrar aquela casinha de porta e janela.

E si fundasse um clube em Pedrouços com o nome de São Paulo F. C.? A cidade quasi que inteira pugnava pelas cores do clube do dr. Decio Pedrosa e seria facil a João Costa formar um nucleo capaz de alardear pujança contra os times das redondezas. Pensava, porem, na guerra que lhe moveria o Cel. Firmino Augusto, presidente do Vulcão F. C., principal socio da casa onde trabalhava João Costa e ainda homem influente na localidade, mercê dos recursos financeiros de que dispunha.

João Costa pensou, pensou e foi ruminando essa ideia.

2

O Vulcão F. C. era um clube popularissimo num raio de 100 quilometros em torno de Pedrouços. Primeira agremiação com vida definida que se fundou naquelas redondezas, conseguiu arregimentar os melhores valores do esporte e ha dois anos que vinha sendo invicto em todos os encontros que realizava.

Tendo sido fundado pelo Cel. Firmino Augusto, o rico proprietario que apesar de ser "coronel" gostava imensamente da vida esportiva, tendo uma mentalidade inteiramente avessa à sedentariedade e à modorra, o clube desenvolveu-se de maneira assombrosa, pautando sua vida pelas mais adiantadas agremiações da Capital. Possuia tecnicos para as suas varias seções, tinha um estadio otimo para a localidade e era o clube que ditava a lei.

Firmino Augusto, sendo rico e não possuindo nenhum diploma que lhe outorgasse o cobiçado titulo de doutor, tinha necessariamente que ser coronel. No Brasil, terra dos doutores, como falara Eça de Queiroz, a riqueza implica na obtenção de um titulo, de doutor, é claro. Mas, si o rico não teve na mocidade ocasião de ingressar numa universidade ou si a riqueza chegou-lhe à porta já na idade madura, passa então a ser coronel. Si é moço, filho de ricos, e não cursou nenhuma escola, é chamado de nhônhô.

Nesta terra "dádiosa e boa" segundo Pero Vaz de Caminha, ninguem compreende cultura e inteligencia si o individuo não faz preceder o proprio nome de um vistoso deérre. Pode o "gajo" ser um perfeito quadrúpede que conseguiu a

verticalidade a custa de imitar o proximo, mas desde que tenha no anular — antigamente era no indicador — um anel atestando a sua qualidade de “doutor”, está apto a desempenhar as funções mais complexas, pois o grau, materializado ali, naquela pedra, é uma especie de varinha magica que lhe abre o discernimento para todas as coisas, mesmo para aquelas sobre as quais nunca ouviu falar.

A ambição da familia brasileira em materia de cultura é muito modesta. Basta que os filhos sigam a indefectivel linha que vai do grupo escolar à escola superior, representada pelos cursos de medicina, direito e engenharia e pronto! Está tudo correto para o recém-formado ingressar na vida.

Os estudos tecnicos profissionais, de tanta utilidade para um país que se intitula industrial, não entram nas cogitações dos pais.

Firmino Augusto não era doutor, mas era coronel. Na mocidade não teve tempo de estudar, ou si teve não ligou porque, morando na capital, sempre com dinheiro à farta, pouco se lhe dava de fazer brilhar os fundilhos nos bancos escolares, ouvindo às vezes uma aula sonolenta sobre “A familia no Imperio Romano”.

Depois que o pai foi desta para melhor, mudou-se para Pedrouços afim de entrar na posse do patrimonio. Moço esperto, arejado ainda pelas ideias que bebera nas rodas de gente evoluida da capital, multiplicou logo a herança. Comprou uma Fazenda mista, já prevendo a possibilidade de ter que lutar futuramente com alguma crise si tratasse apenas da terra. Assim, com agricultura e pecuaria, Firmino Augusto jogava na sorte e no azar. Adquiriu varios predios na cidade e fundou a “Casa Amarela”, armazem enorme, de esquina, no qual se encontrava de tudo. O moço exercia seu raio de ação em mil e uma atividades e veiu-lhe daí a influencia que alicerçou seu prestigio, fazendo dele o senhor de Pedrouços.

Com o correr dos anos, à proporção que a riqueza aumentava, aumentavam-lhe nas costas os janeiros. Não era

mais o "seu" Firmino, filho do João Bento. Era o coronel Firmino Augusto, figura acatada e desejada em todos os círculos.

Foi no limiar de sua velhice, quando sentiu que os músculos começavam a emperrar, que o Cel. Firmino Augusto teve a ideia de fundar o Vulcão F. C., uma especie de recreio para o seu espirito e um incentivo para as suas carnes, que começavam a afrouxar.

Agora ele estava já bem distante da idade madura, mas mesmo assim gostava de percorrer as dependencias do clube e lembrar os seus bons tempos. Às vezes, de manhã, quando um sol quente doirava a cidade, Firmino Augusto dirigia-se para o Vulcão F. C. e fazia exercicios proprios para a sua idade: remava calmamente ou entrava na piscina em braçadas compassadas, lentas, fazendo um glú-glú na agua quasi verde, como si fosse um menino a chapinhar na enxurrada.

O seu orgulho todo vinha do quadro de futebol, terror das redondezas e formado por elementos recrutados em todos os clubes, aos quais Firmino Augusto proporcionava os meios de subsistencia, arranizando-lhes empregos em troca de jogarem no conjunto.

João Costa havia levantado mais cedo que de costume. Dormiu mal e, revirando-se a noite toda na cama, não via a hora de deixar o leito. Aninha não estranhou aqueles modos do marido, pois sabendo o quanto ele gostava do São Paulo F. C. estava habituada a vê-lo assim, quando o tricolor ganhava. João Costa não se emocionava tanto com as derrotas, mas nas vitórias exultava. Os percalços ele atribuía à própria disputa em si, pois, não havendo empate, alguém tinha que sair vitorioso. Porém, nas vitórias transformava-se. Via já o conjunto tricolor a caminho do título e essa era a sua preocupação constante.

Sempre que o São Paulo ganhava, quando João Costa não ia à Capital, passava a tarde em conversa animada com Francisco Camara e, à noite, já na cama, ainda procurava interessar Aninha no assunto. Esta partilhava das predileções do marido mas não gostava de discorrer sobre futebol. Preferia ouvir, poupando palavras, num mutismo que o irritava.

— Que é isso, alguma tarefa marcada para antes do almoço? — perguntou a mulher, quando viu o marido pular da cama.

— Não. Vou conversar com o Chiquinho antes de ir para a loja. Tenho um plano que preciso expor afim de saber o que ele pensa. Você sabe que ele tem uma visão boa das coisas e porisso necessito de sua opinião.

— Posso saber o que é?

— Não haveria inconveniente, mas é que você não se interessa.

— Já sei. E' negocio de futebol. Você precisa deixar de se preocupar tanto com isso. Parece até que o seu unico pensamento é esse jogo.

— Sim, sim, não venha com recriminações. Por acaso não posso me dedicar a um esporte, sem prejuizo de minhas ocupações diarias?

— Não é a isso que me refiro. Digo que voce precisa ter mais descanso, não se entusiasmar tanto porque isso prejudica o seu trabalho. Outro dia D. Miquelina falou que o Cel. Firmino Augusto não aprecia esse seu devotamento ao São Paulo F. C. sendo jogador do clube dele. Que voce fica às vezes, na loja, meio aereo, quasi não ouvindo o que pedem os freguezes, só pensando no jogo que o São Paulo vai ter. Voce sabe que isso é mau porque o Cel. pode não gostar.

— Ora, nada tem uma coisa com outra. Que importa que eu seja jogador do clube dele? Então não posso torcer para outro clube? Mesmo em São Paulo, em diversos clubes, existem jogadores que torcem para outros. Jogam às vezes em times que não são do seu agrado, mas assim o fazem por profissão. De fato, porem, gostam de outro. Aqui o caso é diferente. Jogo para o Vulcão F. C. e nunca fiz nada que pudesse prejudicar o clube do Cel. Firmino. Mas gosto muito do São Paulo e isso ninguem pode impedir. E ainda digo mais: si eu pudesse, iria para São Paulo e faria tudo para ingressar nas fileiras tricolores. Sei que isso é impossvel por dversos motivos. Em primeiro lugar falta-me classe para figurar num quadro daqueles. Em segundo estou com raizes em Pedrouços e não posso me aventurar, ainda mais não sendo sozinho.

— É. Mas o Cel. pode não pensar do mesmo modo.

— E o que tem a minha simpatia pelo São Paulo com a opinião do Cel. Firmino?

— Tem que ele é o dono da loja onde voce trabalha, e isso quer dizer que ele pode po-lo na rua.

— Trabalharei em outro lugar. O Cel. Firmino por acaso é o dono de Pedrouços?

— Não é o dono, mas tem influencia e isso pode redundar em nosso prejuizo si ele se sentir melindrado. Voce se lembra das eleições de 1929?

— Isso foi em 1929. Hoje as coisas estão mudadas. As oligarquias não existem mais e os "coroneis" já não mandam meter o chicote em ninguem. Depois não se trata de eleição, mas sim de futebol.

— Tenho receio que essa sua ideia venha por em dificuldade a nossa vidinha, até aqui tão serena.

— Não ha de ser nada. E si disser a voce que tenho o plano de fundar um clube?

— Fundar um clube? Para fazer concorrência ao Cel. Firmino? Voce está louco João?

— Não estou louco e nem vou fazer concorrência ao Cel. Firmino. Será possível que ninguem mais pode pensar aqui em fundar um clube porque já existe o Vulcão F. C.? Pois fique sabendo que essa ideia amadureceu dentro de mim e quero torna-la realidade. O Cel. Firmino Augusto nada poderá fazer e si ele quiser encrençar, saio da loja.

— Vê la. Olha que ninguem joga as peras com o rei sem levar a pior.

— Não ha de ser nada. Veremos.

Francisco Camara dormia num quartinho junto à coletoria, comunicando-se com esta por uma porta interna, sem necessidade de se sair à rua para entrar no escritorio. Porisso, muitas vezes o pupilo do coletor ficava trabalhando de janelas fechadas, antes do expediente, livre dos importunos. João Costa sabia do costume do amigo. Chegou-se junto da janela, bateu e esperou. Francisco Camara arrastou a cadeira e veiu atender, naquele seu andar pesadão que fazia tremer toda a sala.

— Bom dia Chiquinho. Tenho um negocio importante para propor. Pensei nisso desde ontem quando sai daqui e

quero que voce fale com franqueza o que acha. Quero fundar um clube esportivo.

— Acho a ideia muito boa e muito simples, mas não para o seu caso. Voce está numa situação especial e creio que não se sairá bem si levar avante o projeto.

— Isso mesmo foi o que Aninha falou. E' sobre o Cel. Firmino Augusto que voce põe as dificuldades?

— Justamente. Fundar um clube esportivo é coisa até certo ponto corriqueira. Nada mais facil do que congregar alguns entusiastas, principalmente aqui, onde a maioria pende francamente para o São Paulo F. C. e organizar o nucleo. O resto virá depois, paulatinamente, a exemplo dos grandes clubes. Tudo depende do principio. Mas no seu caso a ideia toma ares de quasi uma rebeldia. Por melhor que seja sua intenção, o Cel. Firmino Augusto vai recebe-la prevenido, vendo no seu gesto um desafio. Por mais desprendido que seja o homem, ele sempre vê no seu semelhante um concorrente. Fundando um clube, voce estará se insurgindo contra o homem que pode neutralizar o seu esforço e matar no nascedouro a sua ideia, porque dispõe de meios para tanto. Vivemos numa epoca em que a força repousa inteira no capital e as ideias pouco valem. Quem empolga nas mãos o dinheiro pode controlar tudo e medir até o pensamento dos outros. O mundo das finanças é que dirige a trama inextricavel das organizações sociais e enquanto o mundo não tomar outra diretriz mais consentanea com as necessidades da humanidade, numa melhor distribuição de conforto, dando a todos o que todos teem direito, havemos de viver acorrentados à vontade daqueles que possuem mais.

O mal, o grande mal é essa condensação monetaria que se enquista nas mãos de alguns, enquanto outros ficam de mãos e pés amarrados.

— Bom, mas não é isso o que eu quero saber. Você sempre se alonga em considerações que não veem a pêlo e deixa de dizer sua opinião sobre o que pergunto. Quero saber si voce vai me auxiliar nessa ideia e o que devo fazer.

— As considerações que expuz dizem muito de perto com o que voce quer realizar. Voce depende, até certo ponto, do capital do Cel. Firmino Augusto. Ele pode não gostar desse seu gesto de independencia esportiva e manda-lo passeiar. Voce, naturalmente, não irá morrer à mingua, mas terá uma especie de hiato na sua vida e isso não é agradável.

— Mas eu não posso viver eternamente acorrentado ao Cel. Firmino Augusto. Só em pensar que esse homem pode ter alguma influencia sobre a minha vontade transtorna-me a cabeça. Preciso provar que sei viver sozinho, apesar de tudo.

— Eu farei por voce o que me for possivel, mas lembre-se que vai enfrentar um homem rico, vaidoso e capaz de lhe mover uma guerra sem quartel.

— Mas, Chiquinho, às vezes chego a pensar que voce não é sampaulino. Não compreendo esse meio-amor ao clube. Julgo que um torcedor, quando gosta realmente do clube que escolheu, deve sacrificar-se de alma e coração, empenhando tudo em beneficio do gremio de sua preferencia. Lembrem-me que si o São Paulo chegou ao lugar invejavel em que hoje se encontra, deve-o a que? Naturalmente aos seus socios que jamais deixaram de amparar o clube, material e moralmente nas grandes crises, quando mais o tricolor necessitava desse auxilio. E' bem verdade que o "Mais Querido" teve a suprema sorte de colocar como seu timoneiro a figura inconfundivel de Decio Pedroso, o presidente que se revelou um administrador impecavel, transformando o São Paulo, de clube apagado que era, numa das maiores expressões associativas do esporte nacional e possuidor de um padrão tecnico que nada fica a dever a ninguem. Não contasse porem, o dr. Decio Pedroso com o decidido apoio desses milhares de sampaulinos e sua obra encontraria obstaculos quasi intransponiveis.

Esta fase do São Paulo assinala a conjugação de duas forças incoerciveis, irrefreaveis, à semelhança do ferro liquido que vai se esquentando cada vez mais e quando não encontra saída, rompe a cadeia que lhe limita a liberdade. Encontrando-se o amor irrestrito dessa massa de sampaulinos e a clarividencia

do dr. Decio Pedroso, temperada por um bom senso incomum, temos ai o resultado: um São Paulo invejavel.

— Voce sabe que não sou meio-sampaulino. Sou tricolor puro, mas argumentei tendo em conta o seu caso pessoal. Voce é casado, trabalha para um homem que é o dono do clube no qual voce joga e que porisso pode lhe criar serias dificuldades.

— Sei disso, Chiquinho, mas não posso renunciar a minha simpatia pelo São Paulo, só porque tenho encargos serios. Gosto até que se me apresente a ocasião de provar que lutarei pelo São Paulo no terreno pior. Nasci sampaulino e o amor que tenho pelo clube está integrado nas minhas proprias celulas, faz parte da minha constituição. E' assim uma coisa como o temperamento, o carater, que ninguem pode arrancar do individuo. Todas as ideias só se tornam grandes e produtivas quando elaboradas com sacrificio, com renuncia, quando o seu autor se despede de todas as conveniencias pessoais em prol do que tem em mira. Voce poderá dizer que não tenho o direito de sacrificar a estabilidade da minha vida de casado à minha simpatia pelo São Paulo. Mas, responderei que não vou sacrificar a vida de Aninha, porque sou eu que vou me desdobrar no sentido de encher os claros que por acaso venham a se verificar na minha vida, caso as suas profecias se realizem.

João Costa sentia-se tomado de uma força estranha. Os olhos do sampaulino tinham um brilho de vitoria, de confiança e o seu semblante denotava uma determinação ferrea. Ninguem seria capaz de demove-lo da ideia de fundar um clube para o consolo de integrar um conjunto com o nome do seu querido clube e tambem para dar uma prova publica do afeto que nutria pelo "clube da fé".

Francisco Camara passeiava pela sala, mãos nas costas, procurando conciliar a ideia do amigo com os deveres que ele tinha como chefe de familia e como empregado de um homem tão influente quanto o Cel. Firmino Augusto. Francisco Ca-

mara, apesar de grande amigo de João Costa, desde quando, juntos, percorriam as redondezas de Pedrouços na pratica de traquinadas proprias da idade, era contrario ao arrebentamento. Temperamento calmo e dedutivo, jamais tomava qualquer deliberação de afogadilho, e tambem não persistia na ideia quando via que os seus resultados ficavam muito aquem do trabalho empregado. Acostumado a ver a humanidade se agitar numa eterna competição, lançando mão de todos os recursos para superar o adversario, achava que não valia a pena sacrificar-se em demasia. Tinha a existencia como uma rapida passagem pela terra e olhava com tristeza quando via as baixezas que os homens continuamente praticam para conseguir qualquer intento.

Era profundamente avesso à injustiça e porisso procurava evitar qualquer realização que pudesse redundar em prejuizo de alguem, imerecidamente.

Conhecendo a situação do amigo procurava evitar que ele levasse avante o que tinha em vista, porque sabia da amargura que lhe ia custar essa demonstração de amor ao São Paulo, dada assim, à luz do dia, contrariando a opinião de quem podia mais. Mas, Francisco Camara conhecia tambem, perfeitamente, o carater de João Costa.

O temperamento do seu companheiro de infancia mais firme se mostrava quando encontrava resistencia. E porisso julgou inutil qualquer tentativa para fazer abortar aquela ideia dele fundar um clube e, como amigo sincero que era, só lhe restava amparar e ajudar João Costa.

— Está bem João. Vamos ver o que poderemos fazer. Conte comigo, e até que se tomem as primeiras providencias efetivas, nada diga a ninguem. Vamos à capital assistir ao jogo do São Paulo com a Portuguesa Santista?

— Não posso. Recebi carta do Carlos dizendo que chegará aqui sabado e preciso ficar. Faz muito tempo que não vejo o mano e, alem do mais, não ficaria bem ausentar-me sabendo que ele chega. Você vai sozinho?

— Sozinho não tem graça. O jogo também não desperta muito interesse. Aproveitaríamos apenas o pretexto para visitar seus tios e matar saudades.

— Vamos fazer o seguinte: iremos por ocasião do jogo com o Palmeiras. E' o ultimo deste primeiro turno e, como você sabe, de decisiva importancia. Levarei Aninha e passaremos alguns dias lá, pois conto que, na nossa volta, outro rumo tomará a minha vida.

Os amigos despediram-se. João Costa encaminhou-se para a Casa Amarela e Francisco Camara abriu as janelas da Coletoria.

Ambos pensavam a mesma coisa: terminará tudo bem?

4

Carlos Costa encontrou o irmão contentíssimo com as duas vitórias do São Paulo, vencendo o Fluminense por 3 a 0 e o Vasco por 3 a 1.

Esses dois jogos do tricolor paulista vieram reforçar o otimismo dos sampaulinos quanto ao resultado favorável que o São Paulo deveria obter no encontro que realizaria com o Palmeiras, no dia 13 de Junho, ultimo compromisso de campeonato, no 1.º turno, o "Clube mais querido da cidade".

Carlos Costa estava bem disposto. O trato com a terra dera-lhe vigor e desenvolveu nele sua veia humorística. A pretexto de qualquer coisa dizia uma piada e sabia, em todos os fatos, explorar sempre o lado cómico. Dizia que tudo na vida tem a sua parte grotesca, por mais seria que a coisa pareça.

Quando João Costa, já taludo, entendeu de ingressar no commercio porque a vida rural não condizia com o seu temperamento e aspirações, o irmão procurou também sair da casa dos tios, pois sentia-se apto a ganhar a vida por suas próprias mãos. A resolução dos dois irmãos foi motivada também pela saída dos tios, que se transferiram para São Paulo. Alfredo Costa sempre teve atração pela Capital e, invertendo em dinheiro todas as suas propriedades de Pedrouços, queria viver seus ultimos anos num centro que lhe proporcionasse maior conforto, já que sua vida foi sempre uma constante luta.

Essa resolução decidiu Carlos. Não tendo nenhuma vocação pelo commercio, calculou que iria vegetar no grande cen-

tro, porque achava difícil adaptar-se à vida urbana. Desde cedo acostumou-se a sorver a longos folegos o ar livre dos campos e sentia-se oprimido entre as ruas asfaltadas e sempre iguais, cheias de monóxido de carbono desprendido dos automóveis e do barulho infernal dos veículos.

Aceitou o convite de um amigo de seu tio, que ia para a lavoura na alta sorocabana e seguiu, decidido a arrancar da terra o seu sustento. No campo, lidando com os bois e cavalos, sentindo o cheiro forte da terra nova que se abria para a semente num abraço fraternal, prometendo dar em troca abundantes colheitas, Carlos vivia realmente. Gostava de conviver com essa gente simples e honrada da roça, admirando a humildade desses lares constituídos sem malícia, longe dos preconceitos hipocritas que fecham a sociedade num círculo de ferro, tornando os homens macacos que aprendem a pular e a fazer esgares conforme as circunstâncias determinam. Ali, entre o mato e a terra, abrindo sulcos vermelhos no chão, o homem aproxima-se mais de Deus, afastado dos ambientes falsos que entibiam e dessoram.

A custa de trabalho, de persistência, de dedicação quasi canina, Carlos conseguira o seu pedaço de chão livre onde via, todos os anos, o algodoal se enbranquecer e oscilar ao vento como si tivesse nos galhos bolas de neve. O seu pecúlio cresceu e o pedroucense trazia a família no conforto sadio dos simples, nessa comodidade que convem aos ambientes desataviados.

Todos os anos, pela colheita, ia a Pedrouços. De volta da viagem que fazia à capital afim de se suprir do material indispensável à vida rural, fazia questão de ir abraçar o irmão, a cunhada e o Chiquinho, levando-lhes sempre qualquer lembrança.

Os esportes pouco o atraíam. Apenas o futebol despertava-lhe interesse mas em vista de suas ocupações e por morar longe de qualquer centro de alguma projeção esportiva, Carlos estava pouco ao par do movimento futebolístico. Sabia apenas da situação dos clubes principais e em conversa limitava-se

apenas a falar sobre as poucas noticias que lia nos jornais, quando sentado à tarde no alpendre, folheava os matutinos paulistanos.

Mesmo assim tinha lá suas simpatias pelo São Paulo F. C. porque gostava imensamente do irmão e queria dar-lhe a alegria de sabe-lo adepto do tricolor.

Mas, a sua alegria maior, aquela que lhe enchia o peito e fazia com que ele se igualasse às crianças, era quando, de volta de São Paulo, depois de ter colocado bem suas colheitas, chegava em casa com um sortimento de presentes. Gostava de ver os seus dois filhos, um casal de traquinas, a dependurarem-se no seu pescoço e, depois de afaga-lo, correr aos embrulhos e às caixas em busca dessas pequeninas coisas que fazem o mundo infantil: uma boneca, uma bola, uma chuteira, uma caminha ou uma bateriazinha que Olga e Rubens tomavam em suas mãos com os olhos incendiados, o rosto afogueado a traduzir a satisfação de um grande desejo ha muito formulado.

A mulher, os dois filhos, o pedaço de chão e o cuidado com as sementes, constituíam toda a vida de Carlos. Tratava a todos com o mesmo carinho, pois não compreendia nenhum deles separadamente. Acostumou-se a ver sua familia como parte integrante da terra e esta como complemento daquela, que fora dali nada encontrava que o pudesse entreter. Pisando aquele chão desde quando rapaz, foi plasmando sua alma nos contornos daqueles morros e acostumou-se a ver nas chapadas o remanso de uma vida fecunda.

Ali mesmo, no extremo do espigão que separava as terras do seu amigo das do Mato Negro, conheceu Marianinha. Foi numa tarde quente de Outubro, quando voltava da cidade, que viu no meio da estrada uma charrete com o eixo quebrado, tendo atrelado aos seus varais o Canario, conhecido burro da Fazenda Mato Negro, que se distinguia pela sua mansidão. A docilidade de Canario fazia-o "poleiro" de todos os garotos de Mato Negro e ali estava ele, junto à viatura, na resignação das coisas sem remedio.

Carlos estranhou aquele quadro. De longe reconheceu o animal, a charrete e o Sabino, moleque de confiança da Fazenda que servia de "correieiro" e fazia companhia aos filhos do Major Claro. Mas, nunca havia visto a moça que estava de pé, falando com nervosismo, com gestos repetidos, como a dar ordens.

À medida que ia se aproximando foi compreendendo o dialogo. A moça insistia para que Sabino fosse à Fazenda buscar socorro e este queria, à viva força, que ela lhe acompanhasse. Assim que Carlos chegou perto, Sabino foi despejando uma torrente de palavras embaralhadas, cortadas ao meio, característica do seu falar apressado como quem tem muita necessidade de acabar logo, temendo que o tempo não permita a explicação toda ou com receio de se esquecer de toda a historia.

— Poi é seu Carlo. O majó me arremendô que não largasse de D. Marianin e ela não qué í cumigo pra Fazenda. Ansim não posso pidí ajuda pra consertá a charrete...

— Imagine o sr. que Sabino quer que eu caminhe daqui até a séde da Fazenda, porque o meu tio recomendou-lhe que não me abandonasse com receio de que eu me perdesse por estas estradas. Quero que ele vá, ficando eu aqui e Sabino acha que não está certo. Vê o sr. que embaraço?

— O melhor é ficarem os dois aqui e eu vou buscar socorro. Estamos perto da séde e num pulo virá o caminhão para rebocar a charrete.

Marianinha ia protestar, queria falar que aquilo poderia causar transtorno ao moço mas antes que pudesse formular qualquer desculpa, já Carlos demandava à séde de Mato Negro.

Sabino admirava muito Carlos. Gostava de conversar com o moço, que sempre lhe dava explicações sobre tudo o que queria saber. Ensinava-lhe os meios mais praticos de caçar e pescar, e aos domingos, quando Carlos não ia à cidade, fazia-lhe pios que eram uma verdadeira maravilha. Sabino era doido por um pio bem sonoro, desses que imitam o nhambú

no recesso do mato, quando está chamando a companheira. E Carlos era mestre nisso.

Logo que o moço desapareceu no fim da estrada, o moleque virou-se para a moça e disse:

— Seu Carlo é mermo um bicho. Eta rapai bão. Munta moça aqui anda de zoio em cima dele mai ele num liga. Tamem um home ansim num ha muié que num quera. Trabaiadô e sacudido cumo ele só.

— Ele mora por aqui? — perguntou Marianinha com essa curiosidade que reponta em toda a moça, quando se refere a um rapaz simpatico como era Carlos Costa.

— Móra. Ele é soci do seu Juca Morais nessa Fazenda que a senhora tá vendo ai em frente. Daqui até lá encima, naquele capão depois daquela baxada é a Fazenda do seu Juca e do seu Carlo. Uns diz que seu Carlo é fio adotivo do seu Juca e outros que ele é soci. O seu Majó sempre diz que seu Carlo tem parte na Fazenda porque ajudô a prantar. Eu num sê bem, mas seu Carlo é um moço munto bão.

A figura de Carlos Costa fizera efeito em Marianinha. Já homem feito, tostado de sol e com os musculos enrijecidos pelo trabalho constante, com esse ar sempre alegre dos que não sofrem do figado e teem a vida limpa, o moço impressionava. Sem ter inveja do fisico dos atletas porque a natureza foi prodiga com ele, não tinha o pedantismo daqueles, pois quasi nunca se dava ao trabalho de pensar no corpo elastico que possuia.

O socorro chegou juntamente com Carlos, que puxava tambem dois cavalos para Marianinha e Sabino. A moça tornou-se mais expansiva quando soube pelo moleque quem era o rapaz. Abriu-se em mil agradecimentos, declinando sua identidade, pois até ali Carlos sabia apenas que ela era sobrinha do Major Claro, o dono de Mato Negro.

Marianinha era filha de uma irmã do Major Claro, residente em Varjão e apenas uma vez, quando ainda menina é que havia visitado Mato Negro. Depois nunca mais teve oportunidade de voltar. Sua mãe, viuva, precisava dela para

ajudar em casa e Marianinha ainda dava lições noturnas aos filhos das famílias pobres, que precisavam deles durante o dia para auxiliar os pais a aumentar o ganho do mês.

Somente agora, depois de moça, quando suas ocupações lhe deram uma folga na labuta diaria e tambem premida pelos conselhos medicos que preconizavam a necessidade de repouso e novos ares. foi que se abalançou a deixar os seus e procurar a Fazenda do tio.

Estava ali já ha varios dias e ainda não tivera oportunidade de encontrar aquele moço que tanta impressão lhe fizera.

— Espero que o sr. venha nos visitar. Estou muito grata pelo seu favor e contarei a titio que os amigos dele são todos muito gentis.

— Não se preocupe com o que fiz. Foi para mim um grande prazer e conto encontra-la mais vezes Moro na Fazenda Duas Estrelas e o meu caminho é por aqui

Os encontros entre os dois se amiudaram. Todas as folgas que Carlos tinha, passava-as em conversa com Marianinha. Suas visitas à Fazenda do Major Claro começaram a dar na vista e os comentarios aumentaram na proporção dos seus encontros. Já era patente o namoro e ninguem fazia disso segredo. Os dois jovens, alheios ao que lhes rodeava, sentiam que dia a dia aquela simpatia mutua aumentava e já não podiam passar um dia sem os costumeiros colloquios.

Marianinha não demonstrava desejos de voltar a Varjão. Um dia recebeu uma carta de sua mãe, chamando-a de volta, pois os meninos estavam à sua espera e ela estava assoberbada de trabalho. Mostrou a carta a Carlos e o moço sentiu grande tristeza, na expectativa daquela separação.

A moça ainda ficou mais uns dias mas não pode retardar por mais tempo o regresso.

Numa manhã Carlos foi acompanha-la à cidade, juntamente com o moleque Sabino e ficou longo tempo na plataforma da estação a arquitetar planos.

— Quando voce voltará?

— Agora só em Junho. Não posso sair antes porque tenho compromisso com os meus meninos. No meio do ano, porem, costumo tirar uma folguinha e então virei visitar novamente... Mato Negro.

— Mato Negro só?

— Só, não. Também os seus arredores e tudo o que neles vive. Árvores, morros, campinas, o gado e as pessoas.

— Posso escrever? Ficaria tão triste sem noticias de voce, que perderia esse sossego tão necessario aos que trabalham na terra.

— Pode. Gosto até.

O trem entrou ruidosamente na estação, a maquina bufando da longa viagem e os vagões pararam num ranger rascante de ferros.

Sabino levou as malas para dentro do carro, Marianinha sentou-se de frente à janela e ficou conversando com Carlos nessa prosa sem fim dos namorados, onde se diz tudo e não se compreende nada, pois falam mais os olhos que a boca.

Sibilou um apito, a maquina respondeu com outro, os passageiros que conversavam na plataforma procuraram os vagões. Outro apito e outra resposta e o trem começou lentamente a se arrastar, os engates esticados, prontos para a longa viagem.

Marianinha ficou na janela olhando durante muito tempo, até quando pode ver a figura de Carlos abanando o chapéu, e junto dele a figura escura de Sabino a acenar com a mão, num longo adeus.

Os dias se arrastavam lentos, moles e compridos.

Dezembro estorricava-se na canicula e as folhas estalavam, arrebetadas pelo mormaço, que subia sufocante.

Começou mais um ano, findou este e entrou outro.

Marianinha repetira sua visita a Mato Negro tres vezes nesse tempo e Carlos foi até Varjão conversar com a mãe da moça e acertar o casamento.

Nesse tempo Juca Moraes comprara outra Fazenda e cedeu Duas Estrelas a Carlos Costa. Este, trabalhando com Juca Moraes desde os seus primeiros anos de orfandade, acumulara capital, pois Juca Moraes fizera dele uma especie de "meieiro".

Duas Estrelas era sua. Seus colonos tinham parte no rendimento da terra porque Carlos compreendia o valor do trabalho bem remunerado e os trabalhadores viviam assim numa especie de Fazenda-Cooperativa.

Casou. Marianinha dera-lhe aqueles dois filhos que constituíam todo o encanto de sua vida e vivia esquecido de todas as misérias da existencia, cuidando daquelle chão que fazia parte do seu romance.

Dizia sempre que queria ser enterrado ali mesmo, ao pé da figueirã branca que ensombrava o mangueirão.

5

João Costa contou ao irmão o que pretendia fazer. Carlos, que era um espirito pratico, descobrindo logo os pontos fracos de qualquer negocio, preveniu o irmão do perigo que o ameaçava. Fez-lhe ver, porem, que contasse com o seu apoio e até si precisasse de dinheiro, poderia dispor.

— Creio que talvez não seja necessario. Tenho algumas economias e conto com o apoio de todos os bons tricolores que existem aqui em Pedrouços. Isso, naturalmente, quanto à fundação do clube. No que diz respeito à minha vida particular, conto me estabelecer si por acaso o Cel. Firmino fizer qualquer coisa que possa me desgostar.

— O que! Então voce já está assim importante? Já fala em se estabelecer? Meus parabens. Não sabia que o meu mano havia progredido tanto!

— Nada de espanto. Não é coisa muito grande mas dá perfeitamente para montar qualquer lojinha e viver sem a constante tutela do Cel. Firmino. Sei perfeitamente que o velho não vai me perdoar, mas já previ tudo.

João Costa estava firmemente decidido a fundar o seu clube e, na suposição das complicações que haveriam de surgir, já havia pensado em fundar uma casa comercial sua, pois não continuaria a trabalhar na "Casa Amarela".

— Mas qual é o seu lucro nesse negocio de fundar um clube? Creio que para voce ter tanto empenho em criar uma agremiação esportiva, empenhando até o seu proprio sossego, deve forçosamente haver uma compensação que corresponda. Disse Carlos olhando o irmão com espanto.

— Financeiramente não ha compensação nenhuma. Apenas terei a satisfação de ter um clube formado unicamente de sampaulinos, como uma homenagem ao grande clube de São Paulo, ao qual dedico toda a minha afeição. Quero dar uma prova saliente do amor que tenho pelo tricolor paulistano e para isso fundarei um gremio no qual irei jogar como si estivesse no proprio quadro do dr. Decio Pedroso, já que as circunstancias não me permitem integrar o conjunto original.

— Então o São Paulo F. C. ha de ajuda-lo a realizar isso. Não é justo que voce gaste dinheiro e tenha aborrecimentos apenas porque gosta do clube.

— Ora, Carlos. Voce entende que tudo na vida deve ser pago em dinheiro? Si fosse certo esse seu modo de pensar, as grandes ideias não teriam sobrevivencia. Si a mola de tudo fosse só o dinheiro a ciencia estaria atrasada de dois mil anos e nós ainda viveriamos em cavernas. Galileu teria tido medo do suplicio e, na hora de ser atormentado, não sustentaria a sua famosa teoria que serviu de ponto de partida aos que vieram depois: Cristovão Colombo não mendigaria durante mais de oito anos, à porta da barraca de campanha dos Reis Catolicos um miseravel auxilio para realização da grande ideia que lhe escaldava o cerebro; Joana D'Arc não seria queimada pelos ingleses e salvo a França e o proprio Cristo não teria sucumbido no madeiro infamante, si não tivessem uma ideia genetriz a dar-lhe força e coragem. Jamais o dinheiro entrou nesses planos sublimes porque si assim fosse o metal mancharia a beleza da obra e o mundo não conheceria dias melhores, ou poderia conhece-los mas só muitos seculos depois.

Pode parecer ridiculo que eu esteja comparando fatos de transcendencia historica com a vida do São Paulo F. C., mas voce ha de convir que tambem a vida do tricolor tem repercussão nacional e futuramente ocupará lugar de destaque na historia esportiva do Brasil, como um dos maiores exemplos de tenacidade e dedicacão.

Não existisse o desprendimento de idealistas como Porfirio da Paz, Frederico Menzen, Jaime Roso, Gumerindo de Lucas, Mons. Bastos, Manoel do Carmo Meca e outros batalhadores pela grandeza do São Paulo, quando o clube era apenas uma legenda, nada possuindo que representasse valor esportivo, e hoje não existia essa agremiação pujante que honra o Estado e o Brasil. Foi a flama dessa gente, essa fé inabalável no futuro, a tenacidade dos componentes do seu quadro associativo, que fizeram do São Paulo um dos maiores clubes nacionais e legítima expressão do progresso do futebol bandeirante.

Lembre-se que esses sampaulinos não visavam lucros, pois o tricolor era pobre, pauperrimo, e nada podia dar em troca dos sacrifícios que os verdadeiros tricolores faziam para o seu alevantamento. Muitos existiram, como o Cap. Porfirio da Paz, que dispenderam dinheiro do seu próprio bolso para pagar as necessidades mais prementes do São Paulo F. C.

— E essa gente toda jamais recebeu o pagamento desse desembolso? Admiro-me muito disso e considero esses homens uns individuos raros na época em que estamos, e si é assim como voce diz, esse clube deve então atingir a um grau de perfeição incomparável.

— Pois ele está caminhando para essa perfeição. Um clube que conta com homens desse quilate tende a assinalar sua passagem pelo esporte de qualquer país com traços de imperecível brilho e sua vida será eterna. E note que, quando esses sampaulinos deram tudo pelo São Paulo, o clube nada possuía, como já disse, a não ser o nome. E, no entretanto, essa gente tinha uma confiança cega no seu futuro. Vinham as derrotas, uma seguida de outra mas a colcha de retalhos do quadro voltava ao campo e sempre, invariavelmente, lá estavam os torcedores a gritar, a pedir um gol. Si este não vinha não fazia mal. Saíam com a mesma confiança, certos de que o São Paulo ainda haveria de ter um lugar de honra entre os demais clubes. Foi essa fé que fez o São Paulo.

Porisso, acho muito mais acertado o titulo de "Clube da Fé" do que o de "Clube mais querido da cidade".

"Clube da fé" é bem a legenda que calha como uma luva no gremio tricolor. Foi a fé que o fez, que o sustentou, que o tornou grande, respeitado e temido.

Olhe bem, Carlos. Si houvesse pagamento para essa torcida desprendida, que não contava com nada, o São Paulo não cresceria nunca!

O entusiasmo mercenario, identico às palmas de empregados que aplaudem seus patrões por dever de officio, não tem ressonancia. Morre sem deixar traço, volatilisa-se e nem ao menos o barulho de alegrias exteriores faz parte desse entusiasmo. Parece que o gesto é abafado e por mais que os manifestantes remunerados gritem e pulem, tem-se a impressão que estão dentro de caixas de borrachas e o som não chega até aqui fora

Antigamente, nas cerimoniaes funebres pagavam-se carpideiras para que elas chorassem o morto. Conforme o dinheiro de que dispunha a familia do extinto o numero de tais carpideiras era grande ou pequeno. Faziam uma choradeira infernal, descabelavam-se, flagelavam-se em publico para demonstrar a dor da familia do defunto mas, passado o prazo do contrato, voltavam às suas tarefas caseiras, esquecidas do funeral e aguardando nova cerimonia e novo pagamento. Não sentiam, como é claro perceber, dor nenhuma naquelas exteriorizações. Apenas se desincumbiam de um trabalho e si o morto dependesse de choro sincero para se salvar, certamente haveria de ficar queimado eternamente no mais profundo dos infernos.

— Nunca vi tanto entusiasmo! Quando voce fala do São Paulo, se se olhasse num espelho veria que sua fisionomia se transforma radicalmente. Faz-me lembrar aqueles iluminados que peroravam às turbas ditando-lhes o advento de uma nova fé, segundo vemos nos textos sagrados.

— Eu pertenço a essa familia tricolor. Sou uma de suas celulas, perdida entre milhares. Mas nem por ser anonima deixa de ter a mesma vibração e pulsar com a mesma força

que pulsam todas, espalhadas em todo o Brasil, constituindo um organismo uno, indivisível, forte em toda sua potencia e que jamais se quebra porque sua enfiatura tem a consistencia das vontades puras, muito mais resistentes do que qualquer material. Essa força vem de dentro, do moral e jamais o homem foi capaz de inventar um meio de fazer vacilar aqueles que realmente creem.

Na inquisição existiram os instrumentos de suplicio mais horriveis possiveis, construidos com requintes de selvageria mas muitos acabavam triturados, com as carnes em postas, mas não renegavam a verdade que pregavam. Os garrotes, as caixas de facas, as mesas para o suplicio da agua eram menos fortes que a fortaleza moral daqueles que sabiam estar com a razão.

Guardadas as devidas proporções, assim aconteceu com os primeiros sampaulinos. Eram apupados, o clube recebia os mais soezes epitetos, mas nada abalava a confiança que eles tinham no futuro do gremio. Foram crescendo e, à medida que o São Paulo se agigantava, os incredulos foram vendo que o clube não era apenas uma expressão gramatical. Tinha miolo, tinha tutano, tinha enfim um patrimonio moral e tecnico de inconfundivel projeção.

As fases mas foram desaparecendo. Houve ainda um principio de vacilação e parecia que o clube ia estacionar ou regredir. A direção maxima hesitava e os socios estavam desorientados. Foi quando surgiu a figura de Decio Pedroso, o administrador dinamico, o homem que enxergou o esporte paulista vinte anos adiante de sua epoca e compreendeu que era preciso dar nova diretriz ao gremio. Soube aproveitar a dedicação dos socios, ditou um governo esportivo que escandalizou os meios futebolisticos, pouco habituados à evolução e em pouco tempo, dois anos no maximo, fez do São Paulo um gremio de projeção ilimitada. Tem sido tão revolucionaria e eficiente a administração Decio Pedroso que os demais clubes procuram seguir as pegadas do presidente tricolor, pois veem nele um padrão de coragem e acerto.

Presentemente o São Paulo F. C. está numa posição na qual só tende a progredir porque não lhe faltam possibilidades para tanto. Mas, não se esqueça nunca que o tricolor atingiu esse grau de saliência nos esportes paulistas porque foi amparado pela dedicação sem par dos seus socios e guiado pela mão firme do seu presidente.

6

Estava-se numa quinta-feira, 10 de Junho. Faltavam portanto tres dias para o grande jogo São Paulo-Palmeiras.

Carlos Costa seguiria sexta-feira para sua Fazenda e nesse mesmo dia, pelo noturno, João, Francisco Camara e Aninha demandariam a capital afim de assistirem ao formidavel embate entre o lider da tabela do campeonato e o quarto colocado. As cadeiras numeradas já estavam compradas ha mais de quinze dias, pois o tio de João Costa se encarregou de assegurar os lugares para os tres, já que a procura era grande. Dizia-se mesmo que vinte dias antes do jogo não existia uma só cadeira numerada. Nas rodas esportivas comentava-se que muitas pessoas haviam comprado algumas centenas dessas entradas revertendo-as com um agio, muitas vezes, até de 200%.

Infelizmente esses obices que aparecem para denegrir os esportes são inextirpaveis, pois o controle, em tal caso, é coisa quasi que impossivel. Deve-se considerar que a pessoa que deseja assistir a um grande jogo, mesmo sabendo que está pagando tres vezes mais, não vacila em adquirir o ingresso. Ciente de que está sendo explorada pouco se importa, pois o seu fim é o jogo. Nesse caso nada se poderá fazer.

O tio de João Costa tinha conhecimentos no futebol e conseguiu as cadeiras pelo seu justo preço, com a regalia até de poder escolher a vontade o ponto de melhor visão.

Carregado de abraços e recomendações à Marianinha e às crianças, Carlos partiu naquela manhã de sexta-feira.

— Quando vocês aparecem em Duas Estrelas? falou ele ao subir no vagão. Desejamos tanto que vocês passem lá umas férias, mas nunca arranjam tempo para isso. A estrada para a cidade está agora muito boa e temos lá uma charrete bem macia. Vão no fim do ano.

— Agora não podemos, respondeu João Costa. Tirei minhas férias e vou aproveitá-las em São Paulo, fazendo algumas compras e matando saudades dos tios. Eles sempre pedem que passemos lá algum tempo e nunca fomos senão por um ou dois dias. Para o ano, si Deus quiser, iremos à Duas Estrelas.

João Costa já tinha permissão do Cel. Firmino para gozar suas férias. O sampaulino ainda nada havia falado ao seu patrão sobre os planos que pretendia realizar. Queria antes descansar, assentar primeiro ideias para então tomar uma deliberação definitiva. Pretendia também ouvir seu tio, pois homem acostumado aos grandes negócios que era, certamente poderia orientá-lo em algum ponto que houvesse escapado de sua análise.

Sabado, dia 12 de Junho, João Costa, Aninha e Francisco Camara amanheceram em São Paulo.

Seu tio foi esperá-los na Luz e depois dos cumprimentos usuais e das exclamações próprias de tais ocasiões, foram para Vila Mariana, bairro onde residia o casal de velhos. D. Balbina alegrou-se muito por rever os sobrinhos. A velha tinha um sentimento materno muito acentuado, exacerbado ainda pela falta de filhos e por isso depositava todo o seu afeto nos sobrinhos do marido, tratando-os como si realmente fossem seus parentes de sangue.

Não se fartava de interrogar Aninha sobre todos os conhecimentos de Pedrouços, si a cidade estava mudada, si o Joaquim Bento havia terminado o seu sobrado, como tinham achado Carlos e mil perguntas, numa interminável fieira.

Depois de trocadas as roupas foram todos para a sala de jantar e a conversa girou em torno do futebol. O tio, si bem

que não gostasse de sair de sua comodidade para ir assistir aos jogos, preferindo ficar "chocando" o radio, sentado à vontade numa poltrona, nos dias dos grandes encontros como aquele do São Paulo-Palmeiras, ia de bom grado ao Pacaembú e até tomava parte nas manifestações de alegria e de tristeza dos torcedores.

— As numeradas já estão aqui. Ficaremos bem em frente à tribuna oficial e dali vamos ver o andamento do tricolor nessa partida de suma importancia no futuro andamento do campeonato. Tenho para comigo que o São Paulo vai fechar com chave de ouro a sua campanha neste turno.

— Então o meu tio também já comenta as coisas do futebol? Muito bem. Folgo em ter mais um parceiro em prol do "Clube da Fé". Decididamente o São Paulo açambarca as atenções gerais e representa, realmente, o clube da alma paulista.

— Não sou um torcedor roxo, mas admiro a confiança que os torcedores depositam nas possibilidades do clube, em qualquer emergencia, e gosto de ver o quanto essa confiança tem contribuido para o progresso do São Paulo.

Depois do almoço João Costa e Francisco Camara saíram com o tio e foram visitar os pontos mais pitorescos da cidade, que ha muito não viam. Estiveram na Avenida Ipiranga e da rua Consolação estenderam os olhos por aquela faixa escura e brilhante, que atesta o genio urbanistico do prefeito Prestes Maia. Quando estiveram em São Paulo pela ultima vez, a Avenida morria de encontro aos muros da Beneficencia Portuguesa e agora ela já transpunha a rua Florencio de Abreu, se alastrava pelos lados do Mercado em busca do rumo que a tornará uma das arterias de maior importancia da dinamica capital do Estado.

Nos outros pontos da cidade os olhos curiosos dos dois moços divisavam demolições e mais demolições, predios que se erguiam para emoldurar os novos cenarios que estavam surgindo e outros que caíam para não impedir a perspectiva ur-

banistica que estava sendo traçada ali, na rua Libero Badaró, pelos engenheiros da prefeitura sob a batuta de Prestes Maia, para que São Paulo se tornasse uma das mais amplas, modernas e bonitas capitais da America Latina.

— Imagine voce, Chiquinho, si a guerra não viesse retardar essa transformação que São Paulo está sofrendo, o que não seria a Capital já agora. Mesmo com as dificuldades de todos conhecidas a remodelação vai se processando mais depressa do que se pensa. Só quem não mora em São Paulo e aqui vem periodicamente é capaz de constatar o incessante progresso que marca os passos deste povo.

— E' verdade. São Paulo vai se chamar "Cidade dos Viadutos", tantas são as ligações que unem bairros e encurtam distancias, mudando inteiramente o aspecto acanhado da cidade de vinte anos atrás. Não vê o Piques, o sujo e sempre inundado logradouro que contrastava com a beleza do Vale do Anhangabaú e que já agora se integrou no conjunto, oferecendo uma vista verdadeiramente magnifica do alto do Viaduto do Chá?

Os tres caminharam em todas as direções buscando conhecer o andamento das reformas que São Paulo estava sofrendo. A cidade de Anchieta parecia uma dessas velhas que entram nos institutos de beleza cheirando a 1830 e de lá saem como um desafio ambulante: "quantos anos me dão?" A diferença é que a cidade se renovava de fato, ao passo que as velhas voltam a ser velhas 24 horas depois. O "cabeleireiro" da cidade conhece o elixir da longa vida...

São Paulo tôda comentava o próximo jogo entre os dois aguerridos quadros: o do tricolor, afinadíssimo, completamente remodelado pelo espírito arguto de Joreca e o líder, como sempre, provocando em todos uma interrogação: como jogará o conjunto do Parque Antártica? Os garotos apregoavam os jornais em altas vozes, corriam, saltavam nos estribos dos bondes, invadiam os ônibus como bandos de pardais disputando migalhas.

Em tôdas as rodas o assunto obrigatório era o último clássico do primeiro turno e parecia que tôdas as atividades desta São Paulo ciclópica tendiam para o futebol, num atestado eloquente de quanto o "soccer" integrou-se, como razão primeira, na escala de divertimentos do brasileiro.

Falava-se em quebra de recorde de rendas, uns calculando em quatrocentos mil cruzeiros, outros fazendo apreciações mais modestas, mas todos esperando um fato inédito em matéria financeira. O Pacaembú parecia pequeno para aquelas milhares de pessoas que punham o sentido inteirinho no dia seguinte, naquele domingo que deveria acordar com um sol bonito para não desiludir a quem tanto esperou pelo grande dia.

— Acho bom irmos chegando. Si vocês querem ir à primeira sessão do Cine Ipiranga devemos jantar mais cedo porque com esta falta de gasolina os transportes tornaram-se difíceis.

Tomaram um ônibus na Praça da Sé e depois de um jantar entrecortado de diálogos referentes ao progresso de São Paulo e ao tão ansiado jogo, João Costa, Aninha e Francisco demandaram o centro em busca do Palácio do Cinema, construído em plena Avenida Ipiranga, fazendo um cotovelo na cinelândia da metrópole bandeirante.

Passava-se "Minha secretária brasileira", com Carmen Miranda. A sambista carioca, como o próprio título da fita indica, desempenha o papel de secretaria de um magnata, mas não apareceu nos trajés e nos movimentos próprios de tal cargo. Como sempre, exageradíssima, montada em sapatos de vinte centímetros de altura, com o surradíssimo turbante. Em matéria de arte o celuloide foi uma calamidade.

O Cine Ipiranga impressionou aos pedroucenses pela suntuosidade, mas Francisco Câmara, espírito observador e crítico, não deixou de notar os senões do Palácio do Cinema. Achou, por exemplo, que as escadarias que conduzem ao balcão põem à prova a resistência cardíaca dos espectadores, porque os cento e vinte degraus aceleram de tal modo a cir-

culação, que si o indivíduo não tiver o coração em perfeitas condições é capaz de parar no meio e desistir.

O enredo do filme era fraquíssimo, e fez-se apenas um arranjo para dar ensejo a que Carmen Miranda aparecesse ao seu público do Brasil. Como sempre, não resta dúvida, o fito comercial predominou.

Depois de terminada aquela sucessão de cantorias sem sal, com Carmem Miranda falando um inglês de espantar cachorro, acenderam-se as luzes convidando os espectadores a desocuparem os salões que outros, lá fora, aguardavam a vez.

A noite estava morna e o céu bem estrelado. João Costa olhou e, querendo fazer com que o tempo compreendesse o seu interesse, falou:

— Queira Deus que amanhã o dia seja bem bonito. Do contrário veremos estragado êsse jogo que todos esperam numa ânsia de verdadeiros naufragos.

— Parece que o tempo está firme, disse Francisco.

Dirigiram-se os três à Praça da Sé e a corrida em busca de transporte mostrou aos visitantes que o paulistano vive atropeladamente, nessa disputa brutal da luta pela vida, e na qual o que passa adiante não volta o olhar para quem ficou na margem da estrada. A meta é a chegada e para isso calca-se aos pés tudo o que possa impedir a realização dêsse desejo.

7

O domingo amanheceu maravilhoso. A manhã foi se desdobrando aos poucos, pachorrentamente, mostrando aqui e ali uns retalhos de sol que prenunciavam um dia agradável, livre desse vento hostil tão próprio do inverno de Piratininga e que castiga o paulistano como um chicote de gelo.

Na fisionomia de todos notava-se essa alegria, o agradecimento à natureza tão camarada para o futebol, fazendo crer que ela também participava da emoção geral pelo sensacional cotejo.

A cidade tinha um aspecto diferente daquele de um dia de descanso coletivo. Desde as primeiras horas o povo começou a se movimentar em direção ao Pacaembú, uns levando bolsas com o seu farnel, outros com embrulhos, grandes e pequenos, mas todos prevenidos para o almoço que teria que ser feito na praça esportiva, pois ninguém estava disposto a perder o lugarzinho nas gerais e nas arquibancadas, bem postado, para dali apreciar o embate.

A Avenida S. João não estava naquela semi-pasmaceira dos domingos. Para ela afluía gente de todos os lados, procurando os ônibus que demandavam o Estádio ou os bondes que passam nas proximidades do Pacaembú. Parecia que São Paulo toda, da Penha à Lapa e de Santana ao Ipiranga só tinha um pensamento: procurar o Pacaembú para o choque Palmeiras-São Paulo, o último clássico do primeiro turno e no qual estava em disputa a permanência do alvi-verde no lugar que vinha ocupando, ou a ascensão do São Paulo e sua completa reabilitação.

João Costa e Francisco permaneciam na janela apreciando o constante desfile daquelas centenas e centenas de pessoas que se dependuravam nos estribos dos bondes, que ficavam em pé nos corredores dos ônibus, ou que passavam a pé, apressadamente, em busca de melhores pontos para tomar a condução. Tudo indicava que a praça esportiva municipal ia produzir uma renda até então insuspeita.

— Veja você, Chiquinho, o quanto pode um clube tão novo como o São Paulo. Ele está em situação de inferioridade junto aos dois outros, que são Corinthians e Palmeiras e entretanto arrasta uma multidão incalculável ao Estádio. Acredito que toda São Paulo está se movimentando neste momento para o grande jogo. Uns já demandam o Estádio em busca de bons lugares, outros se aprestam para fazê-lo e os que ainda estão em casa, como nós, é porque já têm seus lugares garantidos. Outros ainda só chegam depois do jogo preliminar, pouco se incomodando com o ter de ficar de pé junto à corda que circunda a grade que cerca o gramado. Basta que vejam a bola e os jogadores e tudo estará para eles muito bem.

— Realmente é digno de nota esse entusiasmo que desperta o São Paulo, principalmente, como você disse, por ter apenas poucos anos de vida. Mas não se esqueça que também o Palmeiras está contribuindo para essa avalanche que demanda o estádio, porque é um clube rico de tradições e é, além do mais, um conjunto de classe que ostenta a liderança.

— Sobre isso nem há dúvida. Não quero diminuir a contribuição do Palmeiras. Você não entendeu o que eu disse ou então não me expliquei bem. Fiz uma comparação entre o interesse que o São Paulo desperta e o pouco tempo que vem atuando, pois você não ignora que o tricolor conta apenas 13 anos de atividade, e mesmo assim com interrupção, pois o clube tem nesta segunda fase apenas oito anos de vida. Veja, pois, como cresceu na admiração popular. Em apenas oito anos o São Paulo lançou as raízes de sua popularidade em todo o Estado de São Paulo e em muitos outros por esse Brasil

afóra. Em matéria de prestígio creio ser êste exemplo único na história dos esportes brasileiros.

Comparando a pujança do São Paulo de hoje com o seu nascimento, em 1929, quando decorria o 4.º ano da cisão da Apea, parece que o clube tem quasi meio século, tais os progressos que assinalou.

O campo da Floresta acolheu a primeira semente dessa formidável agremiação que, 13 anos depois, se ombrearia com as mais fortes equipes do futebol brasileiro, nessa idade quasi incrível de clube-menino.

Outro feito formidável da camisa das três cores foi ganhar o campeonato em 1931, um ano depois de constituído o conjunto.

1931! Pois êsse ano que assinalou a vitória máxima do São Paulo no futebol bandeirante, marca também a derrota do Palmeiras diante do quadro tricolor, pela clássica tabela. Estamos no mês de junho. Pois em junho de 1931, há doze anos portanto o time tricolor venceu o seu adversário de hoje pela contagem de 4 a 0.

Aquele quadro aguerrido assim formado: Joãozinho; Clodô e Bartô; Milton, Bino e Fábio; Luizinho, Armandinho, Fried, Araken e Junqueira, conseguiu levar a melhor sobre o Palestra. Porisso é que o jogo de hoje tem uma transcendência excepcional.

Naquele memorável dia o Palestra apresentou-se assim formado: Nascimento; Volponi e Junqueira; Loschiavo, Goliardo e Cambon; Aldo, Heitor, Romeu, Lara e Osses. O juiz foi o velho Fedrighi que hoje recorda, no seu estabelecimento, lá no Rio de Janeiro as tardes emocionantes em que o apito trilava pelo seu sopro, traduzindo todo o conhecimento das regras que o popular árbitro adquirira.

As honras de artilheiro coube a Armandinho que assinalou três tentos e outro foi de autoria de Araken.

— É mesmo soberba a carreira do São Paulo. Vamos ver hoje o que fará o time agora dirigido por Joreca contra o

mesmo adversário de 1931. Naquele tempo coube a Rubens Sales dirigir o time tricolor. O famoso centro médio de outros tempos soube transmitir aos seus pupilos todo o seu conhecimento do "soccer" e levar-lhes à vitória. O atual treinador é um "catedrático" e por isso o quadro credencia-se também como vencedor.

Palmeiras-São Paulo. Joreca-Del Debbio.

Depois do almoço João Costa e Francisco e mais o tio dirigiram-se ao Estádio. Aninha não quiz ir e preferiu ficar com a velha, ouvindo pelo rádio o desenrolar da pugna que há quasi um mês vinha preocupando a atenção de todos.

A massa humana que demandava a praça esportiva fazia-se notada em todos os pontos e os três entraram naquela caudal. Logo nas proximidades do grande estádio ouvia-se o som de milhares de vozes como si fosse o escachoo de enorme massa de água a quebrar-se contra as fragas. Essas vozes eram o termometro do andamento da partida. A um lance arricado, bonito e feliz, aquelas milhares de bocas abriam-se num único grito de admiração e o éco estatelava-se de encontro às paredes do estádio e procurava uma saída para aquela onda sonora que queria liberdade.

Além da praça esportiva completamente lotada, com apenas alguns claros nas numeradas devido o atraso dos respectivos ocupantes, as árvores e morros que circundam o grande Estádio apresentavam aspecto bizarro.

O célebre morrinho, cognominado de "morro dos ventos uivantes", completamente nú, sem nenhum anteparo, açoitado pelo vento e afogado no pó, estava "lotado". Parecia, de longe, enorme formigueiro.

O aspecto do Pacaembú era magnífico. De vez em quando ouviam-se os gritos de guerra das três maiores torcidas do futebol paulista, naquela tarde inteiramente equipadas com seus instrumentos e com os uniformes brilhando.

A-pesar-do jogo ser entre São Paulo e Palmeiras, lá estavam também os corintianos, fazendo alarde de suas cores, pois ao Campeão do Centenário interessava muito a vitória

do tricolor, desde que, vencendo o São Paulo, o clube de Alfredo Trindade subiria automaticamente para o primeiro posto, sem ter para isso que dispendir nenhum esforço.

A torcida alvi-negra fez jús ao renome do seu clube e aos pontos ganhos no concurso de torcidas instituídas pela "A Gazeta", porque foi, sem contestação, o melhor conjunto no gênero, entre os três que estiveram no Estádio.

João Costa, Chiquinho e o tio chegaram no fim da preliminar e já os recebeu uma grata notícia: a vitória dos aspirantes tricolores, proclamada com arroubo pelos sampaulinos, que acrescentavam: hoje vai ser "barba e cabelo", o que, na gíria futebolística, significa que ambos os quadros, secundário e principal, levariam a melhor sobre os adversários.

Em frente ao reservado da imprensa estavam as figuras de proa do futebol paulista. As três numeradas que o tio de João Carlos comprara ficavam bem em frente à Tribuna Oficial. Dali eles viram os rapazes da crônica escrita e falada e cuja missão é transmitir ao povo as peripécias dos jogos.

Os nomes que vibram nas ondas hertezianas e os que fazem o percurso nos vários meandros das rotativas, ali estavam.

Cabe à imprensa e ao rádio a formação de ambientes, e porisso todos aqueles artifices de atmosferas eram alvo da curiosidade de milhares de olhos que continuamente se voltavam para o reservado da imprensa, buscando conhecer pessoalmente os cronistas que já eram seus familiares através das crônicas. Pimenta Neto, Tomás Mazzoni, o popularíssimo "Olimpicus", Geraldo José de Almeida, Geraldo Bretas, Blota J'nior, Jaime Moreira, Araken Patusca, Jorge Melo e outros famosos chamavam a atenção de Francisco Câmara. Jamais ele havia prestado atenção ao reservado da imprensa nas poucas vezes que esteve no Estádio e foi João Costa quem lhe despertou o interesse.

Os locutores, microfone em punho depois de terminada a preliminar, começaram a dar aos rádio-ouvintes a impressão que tinham do Pacaembú, intercalada com os anúncios que patrocinam tais irradiações. Notava-se em todos eles, mau

grado o esforço que faziam para disfarçar, a simpatia que nutriam por êste ou aquele quadro. Os jornalistas, por sua vez, denotavam na fisionomia o nervosismo que os atacava, pois é difícil encontrar um cronista que não tenha suas preferências clubísticas. Isso só faz honra à crônica escrita e falada, porque mesmo dispensando amor às cores de qualquer clube, o que se vê, geralmente, é o jornalista ou o locutor colocar a verdade das pugnas acima de sua simpatia pessoal.

É difícil, senão impossível, encontrar algum profissional da imprensa e do rádio que não tenha seu clube. Compreende-se perfeitamente. Convivendo com diretores e jogadores, conhecendo-lhes os anseios e o procedimento é natural que o cronista seja levado inconscientemente a gostar de algum clube, mas isso não impede que sua missão de informador se pautem pela verdade.

Ia se aproximando a grande hora. O Estádio já estava totalmente cheio.

Os gritos das torcidas sucediam-se ininterruptamente e a assistência mostrava-se ansiosa pela entrada em campo dos dois grandes quadros. Finalmente apareceu João Etzel, o árbitro da peleja e trilou o apito, chamando o jogadores. De repente começaram os palmeirenses a sair do tunel e prolongada ovação recebeu os representantes do clube do Parque Antártica. Depois de saudarem as torcidas, os jogadores alvi-verdes posaram para os fotografos. Êstes eram em número jamais visto. Mais de 40. Vieram também do Rio, assim como alguns cronistas. Os sampaulinos fizeram-se demorar. A assistência já estava impaciente e tiveram início os assobios porque a multidão é sempre irreverente quando não se faz o que ela quer. Finalmente apareceram os tricolores, precedidos no tunel de muitos pombos que deram um aspecto inédito à grande praça esportiva. Quasi o Pacaembú veio abaixo. Um só grito de alegria saiu de milhares de bocas. Sentia-se no ar o nervosismo que empolgava a assistência.

João Costa estava pálido. O sampaulino não podia disfarçar a emoção que o dominava e quasi não falava. Preferia

ficar calado, nessa espera angustiante de uma coisa inevitável. Sorteado o meio campo, João Etzel deu a saída, depois de ter permitido que o embaixador do Chile, em visita oficial ao governo paulista, desse a saída simbólica.

Os quadros apresentaram-se assim formados: SÃO PAULO: King; Piolim e Florindo; Zezé Procópio, Zarzur e Noronha; Luizinho, Sastre, Anito, Remo e Pardal. PALMEIRAS: Oberdan; Junqueira e Osvaldo; Brandão, Og e Gengo; Vacaro, Lima, Caxambú, Viladoniga e Pipi.

O jogo apresentado pelos tricolores foi magnífico. Todos os setores do quadro estavam bem ajustados e havia perfeito entendimento entre todos os integrantes. O Palmeiras foi dominado soberanamente e a cada investida dos sampaulinos o Estádio vibrava com a fôrça irreprimível daquele volume de som que se espalhava por todo o vale, chegando até os pontos mais afastados.

Quando se desenhou nítida a superioridade do quadro sampaulino, João Costa ardia de impaciência. Queria gritar, chamar os jogadores um por um, pelo nome, dizer-lhes do seu contentamento, compartilhar do esforço que estavam desenvolvendo. Invejava a torcida uniformisada. Queria estar no meio dela para poder dar vasas à alegria louca que sentia. Depois do primeiro gol, João Costa não pode resistir mais. Ficou de pé, pulou, tirou o paletó, desapertou o colarinho e ficou dando vivas ao São Paulo, esquecido de todos, julgando que estivesse no Estádio sosinho, apenas êle e os dois times. Foi preciso que seu tio pedisse que sentasse porque estava incomodando os outros. Só depois da advertência foi que João Costa voltou a si. Ficou meio envergonhado mas viu que outros também gritavam, que davam saída aos seus impulsos abertamente, sem vexame.

— Desculpe-me, titio, mas preciso gritar. Não posso assistir a um jogo desses sentado calmamente, como quem assiste a uma fita de cinema. O São Paulo está realizando uma partida soberba e os sampaulinos devem mostrar o que sentem. O quadro, lá do gramado, tem que sentir a vibração

dessa torcida para saber que os seus feitos estão sendo compreendidos e interpretados por todos os tricolores.

Francisco Câmara até ali tinha ficado quieto. A sua alegria era tôda interior. Acostumado a sofrer suas emoções, sabia impedir as exteriorisações mas denotava no rosto o estado de alma em que se encontrava.

Nessa expectativa cruciante de 90 minutos indecisos, tendo os nervos todos tensos, susceptíveis de registrar a menor impressão por mais insignificante que fosse, esteve João Costa naquela cadeira numerada. O suor corria-lhe pelo corpo e êle sentia os pés úmidos e as mãos grossas. Ainda não estava certo da vitória do São Paulo porque uma escapada feliz do Palmeiras podia redundar num empate. O futebol tem desses imprevistos. Quando faltavam poucos minutos Luizinho perdeu um penalti e isso veio reforçar o ponto-de-vista que naquela hora preocupava João Costa.

João Etzel apitou dando por terminado o jogo. João Costa suspirou e os seus pulmões soltaram o ar com fôrça como si estivessem há muito tempo retendo um volume superior à sua capacidade. Parecia uma câmara de ar que se esvasia, premida com energia. Relaxou os músculos, deixou cair os braços, estendeu as pernas e esteve assim parado, quieto.

Quando Francisco Câmara bateu-lhe no braço convidando-o a sair, João Costa limpava o rosto. Chorara de alegria! A contagem confirmou-se: 2 a 1 a favor do São Paulo.

8

A viagem do Pacaembú até Vila Mariana fez-se em silêncio. Todos os três sentiam a magnitude do feito do São Paulo. Preferiram que se acalmasse a excitação que os dominava para que pudessem coordenar as idéias. O cérebro dêles es-caldava e os pensamentos se comburiam, impossibilitados de se transformar em frases.

Chegados em casa, sentiram-se mais aliviados.

João Costa descreveu então, minuciosamente, tudo o que sentiu naqueles noventa minutos, vivendo intensamente, profundamente, com os olhos pregados no campo, atentos apenas aos movimentos dos jogadores. A fisionomia do sampaulino demonstrava claramente tôdas as emoções que êle experimentara. Parecia que havia envelhecido alguns anos em horas apenas. Estava porém sobejamente pago. O seu clube estava numa situação boa em relação à colocação anterior do jogo e, dêsse modo, todos os sampaulinos podiam contar como certo que o tricolor entrara para o caminho do título. Si bem que o cetro estava ainda no fim do segundo turno, quando adversários poderosos deviam ser abatidos, a situação do quadro apresentava-se bem outra. Era agora um candidato seríssimo, ainda mais si levarmos em conta que o time apresentara um jogo de padrão técnico ótimo.

Valeram as ânsias, a prolongada espera, a amargurante incerteza. Agora estava tudo mais claro, mais nítido, com uma fisionomia que permitia um desenho quasi definitivo do futuro panorama do campeonato.

Aquela vitória do São Paulo, para João Costa, valia por tôdas as amarguras por que vinha passando, no entranhado propósito de levar avante sua idéia de fundar um clube em Pedrouços e romper com o Cel. Firmino, caso êle se opuzesse ao projeto.

— Bem, João, preciso ir me arranjando porque tenho necessidade de estar em Pedrouços o mais tardar dentro de dois dias, disse Francisco Câmara. Não posso ficar muito tempo aquí porque não estou em férias e o afastamento que solicitei ao meu tutor foi apenas para assistir ao grande jogo. Depois êle tem estado adoentado e o encargo quasi todo da Coletoria está afeto a mim.

— Mas você não quer ficar pelo menos mais uns três dias para sair comigo em visita a vários lugares que quero rever?

— Infelizmente, não posso. Quando for lá pelo fim do ano, si você vier novamente, tenciono então ficar mais tempo. Agora é impossível.

— Está bem, Chiquinho. Na minha volta já pretendo ir com todos os planos delineados e até com o orçamento das despesas iniciais com o futuro clube. Quanto à casa comercial, fica para mais longe. Quero antes conversar com titio.

Francisco Câmara embarcou de regresso. João Costa, de volta da estação, onde fora acompanhar o amigo, comprou todos os jornais. Queria ler, tim-por-tim, tôdas as impressões dos cronistas esportivos que viu no Estádio, para fazer um balanço das preferências de todos êles. Ouvira sempre dizer que havia cronista que torcia abertamente para êste ou aquele clube, mas nunca havia feito uma comparação rigorosa. Agora, tendo assistido ao jogo e não apenas ouvido pelo rádio, como quando ficava em Pedrouços, desejava confrontar as crônicas de todos êles com o que viu no campo.

Leu tudo o que lhe caiu sob os olhos referentes à grande pugna. Achou que as reportagens estavam boas, contrariando a opinião daqueles que acusavam os cronistas de parciais. Era natural que elas não poderiam se pautar numa mesma

trilha, pois sendo escritas cada qual por uma pessoa é lógico que essa descrição tinha forrosamente que patentear o traço característico de cada cronista, sem contudo modificar a essência da narração.

Depois de analisar as crônicas, João Costa achou que aquela intitulada "Foi uma vista chinesa", condizia mais com a sua preferência, não porque estivesse melhor que as outras, mas porque, fazendo uma descrição meio literária da pugna, não se aprofundou no terreno técnico, limitando-se a bordar comentários gerais sobre os dois quadros. Em outros tempos João Costa, como quasi todos os brasileiros, nessa quadra em que a vida é cor de rosa, havia versejado e ficara-lhe na alma o som daqueles versos dirigidos à lua, a confidente de todos aqueles que se iniciam na poesia.

Fez questão de ler para Aninha a reportagem que recortou para enviar a Francisco Câmara.

A mulher estava conversando com os tios quando êle entrou. Interrompeu a prosa para que todos ouvissem a leitura.

— Vejam isto aquí. E leu:

"TUDO CONCORREU PARA QUE OS PAULISTA-
"NOS ASSISTISSEM, DOMINCO, A UM ESPETACULO
"QUE SE PODE CLASSIFICAR COMO O MELHOR
"DÊSTE CAMPEONATO E, TALVEZ, TAMBÉM DE
"OUTROS. A TEMPERATURA ESTAVA AMENA, O
"PACAEMBÚ ABARROTADO, E OS ESPÍRITOS SE-
"RENOS.

"AQUELA ENORME ELIPSE PARECIA ARFAR
"COM O PESO DA MASSA COMPACTA CUJOS OLHOS
"FIXAVAM UM ÚNICO PONTO: O RETÂNGULO DE
"GRAMA, ONDE 22 HOMENS LIDAVAM COM A BOLA
"E COM ELA TRAÇAVAM BIZARROS ARABESCOS
"NO TERRENO, NUMA DÊMONSTRAÇÃO SOBERBA
"DE TÉCNICA, DANDO A IMPRESSÃO DE QUE SEUS
"PÉS TINHAM MÃOS, TAL A AGILIDADE, A MES-

“TRIA, O REQUINTE QUE PUNHAM EM PRÁTICA,
“FAZENDO DA NÚMERO 5 UM INSTRUMENTO DO-
“CIL, OBEDIENTE AOS SEUS CAPRICHOS.

“QUEM VIU O QUADRO DO SÃO PAULO DIANTE
“DO CORINTIANS, QUANDO OS TRICOLORS NADA
“ACERTAVAM E SE ESBAFORIAM NO CAMPO
“COMO CRIANÇAS EM TÔRNO DE UMA BOLA DE
“PANO, SEM TÉCNICA, SEM ENTENDIMENTO,
“COMO BARATAS TONTAS, NÃO ACREDITAVA NO
“QUE OS SEUS OLHOS LHE ESTAVAM MOSTRANDO
“DOMINGO. SERIA POSSÍVEL QUE O CONJUNTO
“TRICOLOR, EM TÃO POUCO TEMPO E COM OS
“MESMOS HOMENS, À EXCEÇÃO DE LEONIDAS,
“PUDESSE REALIZAR UM JOGO TÃO BONITO, TÃO
“HARMÔNICO, TÃO PRODUTIVO COMO AQUELE
“QUE ESTAVA SENDO TRABALHADO ALÍ, A POUCOS
“METROS?

“POUCO MAIS DE MÊS DECORREU DESDE O
“ENCONTRO COM O CORINTIANS, E OS SAMPAU-
“LINOS CRIARAM ALMA NOVA. PARECE QUE ÊSSES
“MESMOS HOMENS ESTAVAM COM O JOGO EM
“DECANTAÇÃO E, SÓ DOMINGO, FOI QUE FICOU
“CONCLUÍDO ÊSSE PENOSO PROCESSO DE APU-
“RAÇÃO. DEVE-SE ISSO, SEM NENHUMA DÚVIDA,
“AO BOM TRABALHO DE JORECA, NO PROPÓSITO
“DE FAZER VER AOS SEUS PUPILOS QUE ÊLES
“TINHAM JOGO BOM, FALTANDO-LHES, TÃO SÔ-
“MENTE, CONFIANÇA PRÓPRIA. E FOI, PARECE-
“NOS, O QUE FEZ O TÉCNICO SAMPAULINO. RE-
“UNIU OS SEUS HOMENS, FEZ-LHES UMA PRELE-
“ÇÃO, FALOU-LHES DOS PERIGOS QUE ASSALTA-
“VAM AQUELES QUE VÃO À GUERRA SEM FUZIL,
“MAS ADVERTIU-OS AO MESMO TEMPO DE QUE
“QUANDO SE ESTÁ DE POSSE DE UMA BOA ME-
“TRALHADORA, NÃO HÁ RAZÃO PARA SE TER
“MEDO. E OS SAMPAULINOS TINHAM METRA-

“LHADORAS, MAS RECEAVAM QUALQUER COISA E
“DAÍ O ANDAMENTO CAUTELOSO, INDECISO, CO-
“VARDE QUASE, DIANTE DO ADVERSARIO. NÃO SE
“JULGAVAM CAPAZES. FOI PRECISO QUE LHES
“DISSESSEM PARA QUE SAISSEM A CAMPO E
“PUZESSEM À MOSTRA, EXUBERANTEMENTE,
“TÔDA A CLASSE QUE POSSUEM. E ASSIM FOI.

“A REHABILITAÇÃO DO QUADRO COMEÇOU
“NO JOGO COM O SANTOS E VEIO VINDO, VEIO
“VINDO, SEMPRE CRESCENDO, SEMPRE SE AVO-
“LUMANDO, PARA ATINGIR UM PONTO MAGNÍ-
“FICO NO JOGO DE DOMINGO.

“O QUADRO ESTÁ BURILADO, LIMADO, LISO E
“ESCORREGADIO COMO UMA ENGUIA. OS CRA-
“QUES TEEM SABÃO NA SOLA DA CHUTEIRA E A
“BOLA ZUNE E PULA COMO SE ESTIVESSE ACIO-
“NADA POR UMA MOLA DE CORDEIS INVISIVEIS.

“A LINHA DE FRENTE CORRE AJUSTADA,
“GUADANDO ENTRE SI O IMPRESCINDIVEL CON-
“TACTO E OS PASSOS SE ASSEMELHAM A UM
“TRICÔ MAS DÊSSES TRICÔS QUE, A-PESAR-DE
“DIFÍCEIS, NÃO RETARDAM O REMATE DO TRA-
“BALHO. OS AVANTES CAMINHAM E ENVOLVEM
“O ADVERSÁRIO NUMA CARGA TÃO PRECISA E
“VIOLENTA, QUE O GUARDA DO ÚLTIMO REDUTO
“DA DEFESA ADVERSÁRIA DANSA EMBAIXO DO
“ARCO COMO SE ESTIVESSE BRINCANDO COM A
“PRÓPRIA SOMBRA.

“NESSA LINHA DEVEMOS DESTACAR O TRA-
“BALHO DE REMO, SASTRE E ANITO. O SUBSTI-
“TUTO DE LEONIDAS PROVOU POSSUIR GRANDE
“CABEDAL TÉCNICO, TENDO AINDA A SEU FA-
“VOR UMA CREDENCIAL DE SUBIDO VALOR PARA
“QUALQUER ESPORTE: A MOCIDADE, POIS CON-
“TA APENAS 21 ANOS.

“A ESTRÉIA DÊSSE CENTRO-AVANTE DEIXOU
“ANTEVER QUE O QUADRO DO SÃO PAULO ESTÁ
“NA POSSE DE DOIS AVANTES DE REAL MÉRITO.

“SASTRE VAI APRESENTANDO, EM CADA
“JOGO, TODOS OS RECURSOS DE QUE É DONO,
“COMO CRAQUE CONSUMADO QUE É. O JOGO DO
“ARGENTINO ENCANTA E EMPOLGA. SUAS ESCA-
“PADAS, SUAS FINTAS, SEUS PASSES SÃO TODOS
“FEITOS SOB MEDIDA E A BOLA PARECE-LHE
“UM BRINQUEDINHO, TAL A FACILIDADE COMO O
“SEU PÉ FAZ DELA O QUE QUER. VALE A PENA
“VER SASTRE JOGAR.

“REMO ASSOMBROU. O MINÚSCULO MEIA
“ESQUERDA É INCANSAVEL E A-PESAR-DE TER
“SIDO ATINGIDO DURAMENTE, VÁRIAS VEZES,
“JAMAIS DEIXOU QUE O SEU JOGO DECRESCESSE
“DE RENDIMENTO, SOBRESSAINDO-SE COMO O
“MELHOR HOMEM DA VANGUARDA.

“NA LINHA MÉDIA NÃO SE PODE DESTACAR
“NINGUEM. OS TRÊS ELEMENTOS JOGARAM A
“VALER E ESSA PEÇA É TÃO HARMONICA QUANTO
“SE REQUER PARA A DIFÍCIL POSIÇÃO QUE
“OCUPA.

“FALANDO SOBRE REMO NÃO PODEMOS DEI-
“XAR DE ASSINALAR O TRABALHO ESTAFANTE E
“PERSISTENTE QUE REALIZOU PARA CONQUIS-
“TAR O 2.º TÊNTO. O MEIA-ESQUERDA ROMPEU
“PELA DEFESA PALMEIRENSE COM TAL VON-
“TADE QUE FOI LEVANDO TODOS DE VENCIDA,
“APESAR DAS ENTRADAS FORTES DOS ADVER-
“SARIOS. NÃO DEIXOU A BOLA ENQUANTO NÃO
“A PODE ENVIAR ÀS REDES DE OBERDÃ.

“FLORINDO PENITENCIOU-SE DAS PARTIDAS
“APAGADAS QUE VINHA REALIZANDO, CONSTI-
“TUINDO-SE NUM ZAGUEIRO FIRME, JAMAIS PER-
“DENDO QUALQUER AÇÃO EM QUE INTERVEIO.

“PIOLIM SECUNDOU-O, APESAR DE TER SIDO
“ATINGIDO ALGUMAS VEZES.

“COLETIVAMENTE, POIS, ACHAMOS QUE A
“PARTIDA APRESENTADA PELO SÃO PAULO FOI
“SOBERBA, E, ALIADA AO JOGO DO PALMEIRAS,
“CONSTITUIU UM ESPETACULO MARAVILHOSO
“QUE SATISFEZ A TODOS PELA BELEZA DOS LAN-
“CES E PELA REGULARIDADE DO SEU DESEN-
“VOLVIMENTO, APESAR DE TERMOS QUE ASSINA-
“LAR A EXPULSÃO DE BRANDÃO.

“O PALMEIRAS APRESENTOU O JOGO QUE AS
“SUAS POSSIBILIDADES DITARAM. OS ALVI-
“VERDES EMPREGARAM-SE MUITO BEM E A
“PROVA ESTÁ QUE, TENDO O SÃO PAULO ATA-
“CADO MUITÍSSIMO MAIS, NÃO CONSEGUIU MAIS
“DO QUE DOIS TENTOS, SE BEM QUE HOUE,
“NESTE PARTICULAR, A INFLUENCIA DA “CHAN-
“CE” FAVORAVEL AO PALMEIRAS, POIS MUITOS
“PELOTAÇOS ENVIADOS AO ARCO DE OBERDÃ TI-
“VERAM SUA TRAJETORIA DESVIADA.

“NÃO SE DEVE DIZER QUE O PALMEIRAS
“JOGOU MAL. CREMOS QUE COM OS ELEMENTOS
“QUE POSSUE O ALVI-VERDE, O JOGO QUE ELE
“PÔS EM PRÁTICA CONDIZ PERFEITAMENTE COM
“A CLASSE DE CADA ELEMENTO. O QUE HOUE
“FOI FALTA DE ENTENDIMENTO, MAS ISSO DE-
“VIDO ÀS INTERVENÇÕES OPORTUNAS DOS SAM-
“PAULINOS QUE DESFAZIAM QUALQUER JOGADA
“QUE OS ADVERSARIOS QUISESSEM ARQUITETAR.

“O TRIO FINAL PALMEIRENSE FOI O PONTO
“ALTO DO TIME. A LINHA-MEDIA FRACA E O
“QUINTETO ATACANTE POUCO ARTICULADO. DE-
“LE NÃO SE PODE DESTACAR NINGUEM A NÃO
“SER VILLADONIGA, AUTOR DO UNICO TENTO.
“LIMA NÃO APARECEU E PIPI NÃO CONSEGUIU

“SEGURAR ZEZÉ, MESMO EMPREGANDO A VIO-
“LENCIA.

“AS TORCIDAS APRESENTARAM BELO AS-
“PECTO, SALIENTANDO-SE A CORINTHIANA PELO
“NUMERO DE SEUS INTEGRANTES E ORIGINA-
“LIDADE APRESENTADA”.

— O Chiquinho não pode deixar de ler isto. Talvez não chegue às suas mãos o jornal que publicou esta reportagem. Porisso vou mandá-la. João Costa foi ao escritório, abriu a escrivaninha, tomou de um envelope e subscritou:

Ao sr. Francisco Câmara

Coletoria Estadual

PEDROUÇOS

9

Os dias iam correndo. João Costa saia freqüentemente com a mulher visitando as grandes casas do centro. Quando Aninha ficava em casa com os tios, êle ia às casas de artigos de esporte saber dos preços, a-fim-de estabelecer um confronto. Contava de antemão com o decidido apoio que ia receber dos sampaulinos de Pedrouços ao lançar a idéia de fundar um clube que viesse prestar uma homenagem ao São Paulo F. C., mas queria reduzir as despesas ao mínimo possível porque pensava também no campo de esportes e êste tinha que ser alugado.

Nos momentos de inteiro lazer percorria as novas ruas da capital e imaginava o que seria São Paulo dentro de alguns anos. Foi à Avenida General Olímpio da Silveira, com suas velhas casas caindo, dando lugar a novas e num alinhamento diferente, para que aquela ligação com a Avenida Água Branca venha comportar o intenso trafego que por alí se faz.

Andava de vagar pela Avenida Ipiranga, admirando seu aspecto moderno e gostava de ficar lá na rua Consolação, na solução de continuidade daquela via à espera que terminem os serviços para que a fita de asfalto da magestosa avenida atravessasse a rua e percorra o percurso que tem a fazer, para dar ao centro da capital inúmeros pontos de saída, tirando-a da dependência dêsses meandros que teimam em existir desde os tempos do Brasil Império.

Ia à rua Duque de Caxias e ficava contente com a intensidade dos trabalhos que ali veem sendo feitos para proporcionar à estação da Sorocabana uma moldura condizente com a magestade do seu conjunto arquitetônico, e para que a zona importantíssima servida por aquela estrada de ferro saiba que o lugar de sua estação principal é um recreio para a vista.

A estação não está mais envergonhada no outrora acanhado ângulo de casas sujas e baixas. Ela não se parece mais com um homem vestido de casaca e com sapatos de tenis. Os pardieiros que a afogavam, na frente e dos lados, desapareceram. Ali vai ser construída uma belíssima praça, como ponto de partida para a avenida que se está "vestindo" e que terminará no Largo do Arouche.

Ficava no Viaduto do Chá e admirava a perspectiva que o panorama lhe oferecia.

Imaginava o gracioso vale, livre do prédio da Delegacia Fiscal, já agora de propriedade da Prefeitura e em breve demolido para não arranhar a harmonia do conjunto. No outro lado descortinava a Avenida 9 de Julho e lá adiante o túnel que varava em demanda do Jardim América, poupando um tempo enorme!

Depois ia pelos lados da Sé, aquela zona velhíssima que cheira a mofo, cedendo terreno à evolução da cidade. Cairam as casas da rua Irmã Simpliciana, antigamente rua do Teatro, ampliando a visão e pondo a descoberto, aos que estão na Praça João Mendes, o bairro dos japoneses, que compreende as ruas Conselheiro Furtado, Conde de Sarzedas, Bonita, Estudantes e adjacentes. Sentia-se bem no meio dessa renovação. Via que o homem precisa trabalhar, construir, semear para o futuro, pouco se incomodando si vai ou não desfrutar de sua obra. Deve-se preparar o mundo para as gerações que veem, pois essa é a nossa verdadeira missão.

Às vezes tomava um bonde qualquer e deixava-se levar até o fim-da-linha. Em qualquer bairro, por mais afastado que fosse, via o crescer incessante da cidade. O casario novo, com os telhados vermelhos, há pouco saídos das olarias, fazia-lhe impressão.

Rasgavam-se ruas em lugares que há apenas dois ou três anos eram pastos ou capoeiras. Hoje já formam como parte integrante da grande cidade que tem sede de espaço.

10

Era na vespera da partida de Aninha e João Costa. As férias já se tinham exgotado e êle precisava reassumir o seu posto na Casa Amarela. Nesse dia, à hora do café da manhã, conversou com o tio a respeito do projeto que contava tornar realidade.

— Pois é isso, João. Conforme expliquei, creio que nada tem a ver uma coisa com outra. O seu emprego na Casa Amarela, na qual entrou criança, não está, em hipotese alguma, ligado ao clube que pretende fundar. Olhar de outra maneira seria demasiado pessimismo. Mas, no seu caso, conforme Francisco já falou, o Cel. Firmino não há de querer, dentro de sua casa, um adversário esportivo, pois você sabe o amor que êle tem ao seu clube e o carinho com que defende o prestígio do Vulcão F. C. Si você fracassar tudo estará arranjado porque o Cel. Firmino não verá ninguém pela frente e não se incomodará com o que você fizer. Mas, si o clube vencer e chegar a fazer sombra ao Vulcão, então estará tudo perdido.

— Já previ isso. Pretendo em tal hipótese trabalhar por conta própria.

— Acho a idéia arrojada. Os tempos não estão para isso. Abrir casa agora, numa época em que as mercadorias sobem do dia para a noite e com a tremenda concorrência que existe, é temeridade. Lembre-se que o seu dinheiro é pequeno e você não é conhecido no comércio atacadista. Dificilmente arranjará crédito em São Paulo e comprar de pequenos negociantes, a preços onerosos é trabalhar para os outros. Agora justamente você está se firmando na vida, com bom

princípio e não acho coerente comprometer o seu futuro por uma questão sem importância.

— A questão não é assim tão sem importância. Si não existissem êsses sacrifícios — e isso mesmo já falei ao Francisco — o esporte não progrediria. Pedrouços comporta outro clube de projeção e aproveitamento êsse ensejo para homenagear o São Paulo F. C.

— Você precisa diminuir êsse seu entusiasmo, João. Não se esqueça que tem mulher para cuidar e mais tarde poderão vir os filhos e não pode estar comprometendo o futuro seu e de sua família.

— O sr. acha então que saindo da Casa Amarela vou comprometer o bem estar de minha família?

— Pelo menos, nas condições atuais, é essa a suposição que faço. Pode ser que as circunstâncias modifiquem o meu pensamento, e oxalá assim aconteça, porque sei o quanto você é obstinado.

— Não se apoquente que não irei sacrificar Aninha. Si preciso fôr farei outro qualquer trabalho. De uma coisa, porém, estou certo: o clube há de sair.

A conversa ficou nesse pé. Tio e sobrinho não chegaram a acôrdo. João Costa lamentou que não tivesse encontrado mais encorajamento para a sua idéia mas isso não o esmoreceu.

No dia seguinte, logo cedo, partiram para Pedrouços.

Aninha ia triste. Gostava muito dos tios de seu marido e no interior sentia-se muito só. O marido se preocupava com os seus afazeres em demasia e ela, sem filhos, e não gostando de amizades estreitas, permanecia em sua casa num vai-vem vasio a ver as horas sonolentas no silêncio preguiçoso da cidadezinha quieta.

O grande salão de ensaios da Lira Pedroucense deveria servir para a primeira reunião dos sampaulinos que iam fundar um novo clube. Jesuino Silva, seu proprietário e dono também da Farmácia Condor, já havia dito a João Costa que podia ocupa-lo. A banda de música ensaiava às terças e sextas-feiras, portanto nas noites restantes alí podiam se reunir. Lá estaria também Jesuino Silva, pois sampaulino dos primeiros, não ficaria ausente de tão importante reunião.

Desde que João Costa voltou não parou um minuto. Foi a todos os tricolores de Pedrouços, contou-lhes seus planos e encontrou pleno apoio sem omissão de um só nome. Combinou-se que a sessão de fundação fosse convocada pelo Fenix Jornal, depois de todos estarem cientes da iniciativa.

Dentro de poucas horas Pedrouços em peso tinha conhecimento do desejo de João Costa e a-pesar-da cidade ser quasi totalmente sampaulina, existiam no entanto alguns opositoristas e entre êles, avultando pelo prestígio que desfrutava, o Cel. Firmino. É claro que os não sampaulinos formavam sob a bandeira do influente proprietário. Desde que o patrão de João Costa notou suas intenções, mudou de tratamento. Começou a ser áspero para o moço, a exigir mais do que o devido, a fazer questão de minutos à entrada. Emfim, tornou-se o pesadelo de João Costa. Não o interpelou como si fosse o seu juiz, mas fez-lhe ver que a fundação de um novo clube viria atrapalhar a vida do Vulcão F. C., agora em plena pujança técnica.

Isso equivalia, sem dúvida, a uma advertência de consequências desagradáveis.

O denodado sampaulino ia, porém, indiferente aos tropeços presentes e aos que calculava futuramente, trabalhando sem esmorecimento para levar a bom termo o que havia premeditado e a si mesmo prometido.

Quinze dias depois das combinações verbais o "Fenix Jornal" estampou uma publicação em duas colunas, em negrito, nos seguintes termos:

REUNIÃO DOS SAMPAULINOS

"Conforme entendimentos entre os simpatizantes do São Paulo F. C., fica convocada uma reunião para quinta-feira proxima, no salão da Lira Pedroucense, afim de resolver sobre a fundação de um clube esportivo. Pede-se o comparecimento de todos, ás 20 horas, naquele local".

Aqueles que ainda duvidavam dos planos de João Costa e que desejavam que isso ficasse apenas em conversa, tiveram uma tremenda desilusão. Alí estava a prova de que o rapaz não estava brincando.

O Cel. Firmino bufou de raiva e ameaçou céus e terras. Nem almoçou direito e imaginava os meios de tirar uma desforra do seu empregado. Depois de andar a largos passos pela sala de jantar, falou comsigo mesmo: "Deixe estar que eu tirarei do Joãozinho essa vontade de ter um clube. Quando o Vulcão começar a derrotar seguidamente esse timinho êles todos perderão a vontade de prosseguir. E depois, com que dinheiro vão sustentar o clube? Pensam que é só fazer atas e deitar falação? Veremos..."

Chegou finalmente quinta-feira e todos esperavam pela hora que deveria se tornar histórica na vida esportiva de Pedrouços. O salão enfeitado, as estantes retiradas e a grande mesa com toalha limpa e até com flores.

João Costa tudo havia preparado. Livros, papeis e urna para votação já estavam nos seus respectivos lugares e só fal-

tava uma coisa: que batessem as 22 horas para que os sampaulinos pudessem concretizar aquele sonho que João Costa estava quasi a fazer cristalizar-se para sua maior alegria.

Depois do jantar João Costa voltou ao seu trabalho como de costume às 18 horas, e ficava na loja até às 20, quando o comércio fechava suas portas. Logo que entrou o Cel. Firmino foi-lhe dizendo:

— Daquí há pouco devo trabalhar com o viajante do Medeiros Salmão, que me pediu para antecipar sua visita porque precisa voltar amanhã cedo. Porisso desejo que você me ajude, pois devo examinar todo o mostruário dele e fazer um pedido de acôrdo com tôdas as faltas que temos atualmente.

João Costa extranhou muito aquilo. Nunca o Cel. Firmino havia lhe pedido semelhante coisa e a-pesar-de ser o empregado mais antigo na casa e conhecedor de todo o seu movimento, jamais havia interferido nas compras. O seu trabalho nesse caso limitava-se a fornecer ao Cel. uma lista das faltas e sugerir compras que êle julgasse boas. Pensou muito na singularidade daquilo e viu, num relance, que estava prestes a fracassar a reunião daquela noite. Sabia que essas compras são sempre demoradas e si o viajante aparecesse às 19 horas, nunca antes das 22 ou 23 horas estaria livre. Ficou amargurado mas imediatamente pensou em remediar a situação. Mandaria um recado aos seus amigos e êles levariam os trabalhos a termo mesmo na sua ausência. Estava arquitetando os seus planos, quando entrou o viajante de Medeiros Salmão. Suas enormes malas já estavam na loja à espera que as prateleiras fossem dispostas no balcão. O caixeiro-viajante, que fazia aquela zona há muitos anos, era velho conhecido de João Costa. Bateu-lhe nas costas, disse uma pilheria dessas que cada caixeiro-viajante tem para os bons fregueses e enveredou em direção às malas. Arrancou da cinta um molho de chaves de quasi meio quilo e tratou de desapertar as aldrabas de metal polido. João Costa olhou-o de través e teve vontade de xingar aquele intruso, que vinha atrapalhar os seus planos.

Começou o monótono trabalho de ver amostra, pedir preço, confrontar a qualidade dos tecidos, escolher cores e padrões e assim as horas iam se escoando. Chegaram às 20 horas e o ponteiro grande começou a se distanciar das doze, contando os minutos. 20 e 10, 20 e 15 e 30. João Costa desesperava. O Cel. Firmino fazia tudo com uma calma enervante, parecendo que aquilo era o maior prazer de sua vida.

Às 20 horas e trinta bateram na porta de vidro. João Costa foi ver. Era o Sérgio, filho do Zeca barbeiro, que vinha saber si êle ia ou não. Estavam todos esperando e o pai mandou ver o que se estava passando com êle.

— Diga ao pessoal que estou preso aquí com um serviço. Não posso ir já. Talvez demore ainda uma hora ou mais. Êles que vão começando que talvez eu ainda alcance o fim.

Sérgio voltou correndo. Deu o recado e cada qual deu a sua opinião. Uns queriam que se esperasse João Costa, cabeça pensante daquela idéia e guia de todos êles. Outros achavam que deviam começar a sessão, porque todos sabiam da finalidade dela e a aspiração de um era o pensamento dominante alí.

Depois de muitos pareceres venceu a proposta de se esperar João Costa, mesmo que êle viesse tarde. Aquela sessão não poderia ser iniciada com a sua ausência. Êle, que vinha trabalhando sem descanso para que o São Paulo F. C. ampliasse o seu prestígio em todos os sentidos, devia colher a melhor parte daquela idéia que havia reunido alí todos os tricolores de Pedrouços.

Dêsse modo o plano do Cel. Firmino redundaria inutil porque a reunião seria realizada naquela mesma noite.

Logo que o menino voltou o Cel. calculou que João Costa houvesse desistido. Procurou apressar a compra e depois de uma meia hora terminou.

Sairam os três. O viajante despediu-se à porta do hotel e os dois continuaram o caminho, pois moravam mais além. Quando chegaram à esquina em que deviam virar, João Costa deu boa noite.

— Mas você não vai para casa? Creio que a reunião já terminou ou então, com sua ausência, não houve.

— Talvez tenha sido realizada. Vou dar um pulo até lá.

— Felicidades então. Espero que o... como é mesmo que vai se chamar o clube?

— Ainda não sabemos. Isso vai ser posto em votação.

— Então felicidades para o futuro clube. Até amanhã.

— Boa noite.

Passava das 22 horas quando João Costa entrou no salão. Ali estava toda a turma, sem exceção de um só dos convocados. À sua entrada houve uma ovação tremenda que repercutiu na rua solitária.

Aquele grito insólito, àquela hora numa cidade como Pedrouços, de hábitos morigerados, vibrou como uma tormenta. Mais de 50 bocas deram vivas ao São Paulo F. C.

A longa espera não conseguiu esmorecer o ânimo de todos aqueles sampaulinos, desejosos de ter o seu clube, materialização do amor que dedicavam ao São Paulo F. C. Ali ficaram e ali ficariam até madrugada.

Com a chegada de João Costa e depois das desculpas dêste, deu-se início aos trabalhos. Por aclamação êle foi indicado para presidente da mesa e convidando para secretários o Jesuino Silva e Francisco Câmara, foi posto em votação o primeiro item: como se chamará o novo clube? Três nomes foram apresentados para que a assembléia ratificasse um deles: Clube Atlético Tricolor; São Paulo Atlético Clube e São Paulo F. C.

Antes de ser iniciada a votação o presidente fez sentir à assembléia que o nome de São Paulo F. C., proposta do Dr. Cândido Moraes, delegado, e de Rubens Serva, tabelião, a-pesar de ser expressiva por trazer o título do grande clube da capital, não era aconselhavel. Esse nome iria servir para um clube nascente, sem nenhuma projeção e isso, a seu ver, constituia um desmerecimento ao clube São Paulo. Louvava a idéia daqueles dois distintos sampaulinos, mas pedia que constasse da ata sua observação sobre tal fato.

Apuradas as cédulas, venceu a legenda Clube Atlético Tricolor que bem patenteava a homenagem ao São Paulo F. C., pois o último nome do novo clube é o apelido pelo qual é também largamente conhecido o grêmio paulistano. Foram escolhidas as mesmas cores, isto é, preto, vermelho e branco, mas não em listras. As camisas teriam as mangas brancas e o peito vermelho. Do peito à cintura, pretas. O emblema seria em losango, e as letras ficariam em campo branco, circundadas pela duas restantes.

Por proposta de João Costa e com aprovação geral, lavrou-se em ata um voto de louvor ao São Paulo pela sua iniciativa de promover a realização de uma Olimpíada com o Fluminense F. C. do Rio de Janeiro, concordando-se em telegrafar à direção do clube paulistano felicitando-a pelo grande feito.

O telegrama, redigido pelo Dr. Cândido Moraes, estava vasado nos seguintes termos:

“Ao dr. Decio Pedroso.

Presidente do São Paulo F. C.

R. D. José de Barros — Capital.

Sampaulinos de Pedrouços, reunidos em assembleia afim de fundarem um clube esportivo para homenagear grande São Paulo F. C., veem felicitar fecunda administração V. S. promovendo realização olimpíada com o Fluminense F. C, iniciativa jamais feita nosso país por qualquer clube, nem mesmo federações, dado o vulto caravana e alta finalidade esportivo-social”

Tendo sido marcada nova assembléia para eleição da diretoria no próximo domingo, encerrou-se a reunião.

Já passava da meia noite. Os sampaulinos dispersaram-se e dentro de cada um deles, caminhando no silêncio da cidade, estava uma partícula daquela flama que João Costa conseguiu acender e alimentar com o seu amor e o seu entusiasmo.

12

A-pesar-de não ter sido eleita a diretoria, João Costa começou a dar os primeiros passos no sentido de arranjar campo e séde para o C. A. Tricolor. Êle era o padrinho da nova agremiação e tinha que prever tudo. As formalidades viriam depois, como consequência lógica da legalidade de um ato, mas antes disso competia a êle traçar os planos futuros.

O problema mais sério que se apresentava para a vida do C. A. Tricolor era o campo. Existiam dois terrenos muito bons, mas um era de propriedade de um palmeirense inveterado, o Cesar Apriglio, e porisso estava fora de cogitação. Além do mais, Apriglio não tinha muita simpatia por João Costa devido uma desinteligência surgida em torno de um jogo entre o São Paulo e Palmeiras. O outro pertencia a Jesuino Silva, o farmacêutico, que o cederia de bom grado com pouco aluguel ou mesmo sem nenhum pagamento. Mas havia um inconveniente: o terreno era em declive, necessitando de ser aplainado, além de ter que ser completamente plantado de nova grama porque na parte plana ela estava já quasi morta.

João Costa pensou que com a boa vontade de todos os sampaulinos de Pedrouços conseguiria levantar o dinheiro necessário aos serviços. Todos os "tricolores" dos pontos mais afastados do Estado e do Brasil pensam do mesmo modo e teem o mesmo entusiasmo e êle sabia disso. Foi primeiro a Jesuino Silva e expôs seus planos.

— Pode contar com o meu auxílio. O terreno está mesmo desocupado e eu já havia até pensado em oferece-lo ao clube logo que me lembrei da falta de campo. Vou já abrir

uma lista para angariar a quantia destinada a pôr o terreno em boas condições. Com as mensalidades futuras poderemos perfeitamente manter a conservação e até acabar as obras necessárias. Teremos também as rendas dos jogos que realizarmos.

— Não conta muito com as rendas, porque no começo o nosso time não vai poder fazer grandes coisas. Primeiro precisamos ter o conjunto e isso não se consegue de uma hora para outra. De mais a mais ainda não sei com quais jogadores vamos contar. Os melhores estão no Vulcão F. C. e lá eles recebem vantagens. Que regalias poderemos oferecer aos integrantes do nosso quadro?

— Tudo há de se arranjar. Um time que nasce não pode mesmo pretender nada de importante, mas havemos de elevá-lo a uma condição de respeito. Presentemente o que temos a fazer é tratar de criar boas condições para que êle vingue. Essas condições se relacionam com o seu quadro social e sua séde de campo, sem a qual êle não poderá jogar porque, como você sabe, faltam aquí bons locais para um campo.

Alí mesmo Jesuino Silva abriu uma lista encimada pelos seguintes dizeres: "LISTA DE CONTRIBUIÇÃO PARA A CONSTRUÇÃO DO CAMPO DESTINADO AO CLUBE ATLÉTICO TRICOLOR, RECENTEMENTE FUNDADO", e assinou em primeiro lugar: Jesuino Silva, 200 cruzeiros, e a entregou a João Costa.

— Você pode leva-la. Estou certo que dentro de poucos dias estaremos com a importância desejada para as obras.

João Costa foi dalí à Coletoria a-fim-de conversar com Francisco Câmara. Êsse trabalho todo era feito quando ia almoçar. Comendo depressa a-fim-de poupar mais alguns minutos, saia imediatamente. Aninha já andava se queixando mas o marido acalmava-a, dizendo:

— O que quer? Para trabalhar preciso sair de casa. Si eu ficar aquí não poderei realizar o que pretendo.

— Grande trabalho está você realizando. Não vejo lucro nenhum. Apenas amolação, noites de sono perdidas e despesas.

O marido fazia ouvidos de mercador e saia. Não gostava de disputar com a companheira. Sabia-a agarrada às idéias. Não a censurava. Também era persistente e achava que qualquer opinião deve ser defendida com coragem, a não ser quando fosse contrária aos bons princípios.

Mostrou a lista a Chiquinho. Êste imediatamente subcreveu 100 cruzeiros e pediu que deixasse alí o papel, pois à Coletoria chegava muita gente o dia todo e êle teria mais tempo de angariar as importâncias. Na loja não ficaria bem a João Costa estar a pedir adesões. Contou ao amigo os entendimentos com Jesuino Silva a respeito do campo e adiantou que iria falar com o Maneco, o empreiteiro da Prefeitura, para ver quanto êle cobraria para mandar a sua turma nivelar o terreno. Depois disso iria medir o campo. Ia também escrever à Secretaria da Agricultura pedindo instruções sôbre o melhor tipo de grama e a maneira de obter as mudas para o plantio.

— O Cel. falou alguma coisa sôbre a nossa reunião? perguntou Francisco Câmara.

— Sim. Queria saber o que houve, assim num ar de desinteresse, mas com os olhos fuzilando. Perguntou o nome do clube, quais as pessoas presentes, si havíamos alugado a sede e qual seria o campo do C. A. Tricolor. Fui submetido a um verdadeiro interrogatório. Depois de saber apenas o que eu entendi de informar, o velho terminou a conversa com um arzinho de malícia, concluindo:

— Estou ansioso para jogar o meu Vulcão contra êsse Tricolor. Pode dizer aos seus jogadores que fiquem sem tomar banho, porque nesse dia a "lavada" vai ser de tirar couro e cabelo.

— Talvez o desejo do Cel. Firmino não seja realizado. Diga-lhe que êle não perde por esperar. Ser bom quadro não é privilégio do Vulcão e pode acontecer que o C. A. Tricolor ainda venha a arrebatá-lo o cetro de campeão da zona, que ostenta o conjunto do Coronel. Para começar, a linha atacante do Vulcão vai perder o conjunto, pelo menos por uns tempos.

Com a sua saída o Cel. terá que procurar um centro-avante e você sabe que não é fácil encontra-lo. Aquí não há nenhum jogador capaz de ocupar esse posto. Só si êle mandar vir o Jonguinho, do Burití F. C. Mas Jonguinho está bem empregado e tem propriedades em Mato Seco. Há de pedir grandes vantagens e talvez o velho não concorde. Já recebeu até uma bôa proposta de São Paulo e recusou. Não acredito que êle venha.

— Pois eu acredito, Chiquinho, Jonguinho trabalha também em loja de tecidos e pode muito bem acontecer que o Cel. lhe ofereça lugar na Casa Amarela. Nessa hipótese, com tôda a certeza, terei que sair.

— Não pense nisso. Talvez não aconteça nada do que você está supondo.

— Vamos agora pensar nos futuros integrantes do quadro. Entre os nomes que já tenho em vista, faltam-me dois elementos. Não sei como vamos nos arranjar na linha média e na ponta direita. Falei com o Binão, aquele que jogou no Estrela Solitária, mas êle talvez não aceite o posto. Está fora de forma porque não joga há mais de oito meses e não tem muita vontade de voltar ao campo. Está sobrecarregado de trabalho e diz não ter tempo para os treinos. Para a ponta direita poderia falar com o Gaspar, aquele telegrafista, mas o diabo é que essa gente de estrada-de-ferro não para em lugar nenhum e de repente pode ser removido. Êle jogou algumas vezes comigo e é um elemento aproveitavel.

— Bom, mas pode-se pô-lo no time enquanto morar aquí. No dia em que fôr removido, então pensaremos no substituto. Até lá naturalmente trataremos de arranjar bons reservas porque o quadro não pode ficar apenas com os onze titulares. Iremos sempre procurando outros jogadores justamente para uma ocasião dessas.

— Domingo resolveremos tudo. Até lá, com certeza, já saberemos com quais elementos podemos contar. Vou para a loja. Vá hoje à noite em casa. Precisamos estudar várias coisas urgentes.

13

O Maneco Engenho era filho de Pedrouços. Herdou do pai a mesma profissão, isto é, empreiteiro da Prefeitura e em tudo quanto fosse obra municipal lá estavam os homens dele. O seu sobrenome não era Engenho. Chamava-se Manoel Cintra, mas como tinha um riso característico, original, ficou sendo o Maneco Engenho. Quando êle ria, sua boca contraía-se e, envez de uma risada franca, ouvia-se apenas um ruído surdo como a bulha da cana quando está sendo comprimida pelos cilindros. Era preciso estar-se bem perto de Maneco para ouvir o seu riso. Sentia-se apenas aquele chuuiu... chuuiu... e não se sabia si êle estava rindo ou chupando os dentes. Porisso era o Maneco Engenho. Quando criança não gostava do apelido e chegava até a brigar por causa disso, mas com o tempo foi se acostumando e depois de homem achava até natural que o chamassem assim. Pouca gente em Pedrouços, a não ser os velhos, sabia o seu verdadeiro nome.

Além dos serviços municipais, ocupava-se também com outras tarefas, pois a Prefeitura não tinha ocupação para o ano todo e êle precisava ganhar para o sustento da família. Qualquer obra dentro do seu ramo era logo aceita, porque Maneco Engenho era trabalhador e pensava muito no futuro dos filhos. Costumava dizer que barco parado não ganha frete e jamais entregava-se ao ocio.

Quando João Costa foi procura-lo naquele dia, no intervalo do seu almoço, Maneco Engenho estava concertando os boeiros da Praça da Matriz. As grandes chuvas haviam carregado as pedras que formavam a "boca de lobo" e entupido

o escoadouro. Dessa forma a praça foi invadida pelas águas e os canteiros ficaram arruinados. O prefeito ficou indignado porque o seu antecessor há muito que vinha protelando a reforma dos boeiros, com medo de gastar e o resultado ali estava: prejuizos muito maiores.

— Eu precisava combinar com você um serviço e como tenho necessidade de saber o preço, foi que vim procura-lo aqui.

— Estou às ordens, seu João. De que se trata?

— Não sei si sabe que temos agora um novo clube. Precisamos de um campo e porisso quero saber si você pode tomar o encargo de nivelar e plantar o terreno do Jesuino. É lá que vai ser o campo do nosso clube.

— Já é difícil porque estou com todos os meus homens muito ocupados. Só aqui tenho serviço para mais de um mês, depois preciso consertar a estrada do Tanquinho. Estou também com falta de trabalhadores porque a fábrica está roubando todos os homens. Ninguém mais quer saber de trabalhar ao sol. Preferem ficar na sombra.

— Mas, temos pressa do campo. O time precisa ir treinando e não temos outro local. Em quanto fica todo o serviço?

— Não posso responder já. Antes tenho que medir o terreno, ver a diferença de nível e quanto ao plantio da grama depende também de medição.

— Em quanto ficou o campo do Vulcão?

— O serviço completo, no campo novo, ficou em 3.500 cruzeiros, mas o Cel. Firmino deu grande parte dos trabalhadores e ainda cedeu algumas carroças. Do contrário teria ficado muito mais caro.

— Quer dizer que para nivelar o terreno do Jesuino teremos que gastar quantia maior que aquela?

— Não sei, seu João. Só vendo, como já disse, e medindo o terreno.

— Pois então você não pode medir e calcular tudo? Preciso saber qual a quantia certa porque estamos organizando uma subscrição para êsse fim.

— Mas, ouça, seu João. O senhor é o responsavel pela despesa? Pergunto isso porque já uma ocasião trabalhei para um clube e no fim ninguem queria pagar. Um me mandava para fulano, este para aquele e fiquei assim bem um ano. No fim tive que fazer um bruto abatimento para não ficar com o prejuizo todo. Si o senhor fôr o responsavel não há nenhuma dúvida, porque sei com quem estou lidando, mas si fôr para clube, não posso trabalhar.

— É para o nosso clube, Maneco, mas eu fico responsavel por tudo. O que preciso é orçamento com rapidez. Você não pode ir amanhã fazer isso? Depois de tudo calculado passe na loja e me comunique. Domingo tenho que apresentar a quanto montam tôdas as despesas

— Está bem, seu João. Vou calcular. Talvez ainda hoje. Si o Anibal passar por aquí, darei um pulinho até lá e corro a trena.

14

Domingo chegou. Depois de fechado o comércio, quando todos demandavam o jardim para ouvir música e namoriscar, os sampaulinos dirigiram-se ao salão de ensaios da Lira Pedroucense a-fim-de eleger os diretores do clube que já estava fundado e que iria, com certeza, mudar o panorama esportivo não só de Pedrouços, mas também de tôda a zona.

Lá estavam as figuras mais destacadas da cidade. Tudo quanto Pedrouços tinha de mais representativo pugnava pelas cores do São Paulo F. C. e porisso tinham acorrido ao apelo de João Costa. A fundação do C. A. Tricolor, homenagem ao tricolor paulistano, não podia encontrar indiferentes aqueles sampaulinos. Mesmo os que eram ligados ao Cel. Firmino por questões de negócios ou por simples amizade, não deixavam de tributar simpatia ao São Paulo.

Às 16 horas, distribuidas as cédulas, procedeu-se à eleição. Na apuração final verificou-se o seguinte resultado: presidente - João Costa; vice - Francisco Câmara; 1.º secretário - Jesuino Silva; 2.º secretário - Rubens Serva; 1.º tesoureiro - Eugênio Moraes; 2.º tesoureiro - Cesar Barbosa; diretor técnico - Caetano Monteiro; bibliotecário - Arnaldo Luz.

Proclamados pela mesa os nomes sufragados, a sala reboou com os hurras. Todos os eleitos eram elementos de grande valor esportivo e com isso assegurava-se ao C. A. Tricolor uma vida de grande projeção.

Jesuino Silva, o farmacêutico, era um ardente torcedor que não fazia questão de ocupar tempo e gastar energias em

prol do futebol e principalmente do novo clube. Prova estava que já havia cedido o terreno de sua propriedade ao C. A. Tricolor.

Rubens Serva, o tabelião, foi jogador em outros tempos e dava-se ao trabalho de viajar 24 horas seguidas, como já fizera certa ocasião, em que estava fora de Pedrouços, para assistir a um jogo do São Paulo.

Eugênio Moraes era um destacado meia esquerda que iria formar no novo time.

Cesar Barbosa, outro jogador de grandes recursos e escrivão de Rubens Serva, batia-se denodadamente também pelo São Paulo F. C.

Caetano Moreira, dono da Agência Forde, era profundo conhecedor de futebol como integrante de vários quadros do interior. Além do mais, estudava continuamente tôdas as questões relativas ao "soccer" e sabia tudo o que ia pelo mundo em matéria de "Association". Conhecia de nome todos os jogadores da Europa e da América e acompanhava a vida deles com verdadeiro carinho. Era uma biblioteca futebolística ambulante.

Arnaldo Luz tinha a preocupação das estatísticas e dos dados técnicos. Possuía coleções de tôdas as publicações esportivas do Brasil e de outros países e sabia de cor e salteado todo os recordes e demais esclarecimentos relativos ao futebol.

Com essa pleiade, iniciava-se seguramente a vida do novel clube.

Quando a mesa pediu a lista das subscrições, depois de ter João Costa exposto os passos que tinha dado com o propósito de se processar os trabalhos referentes ao campo, houve uma exclamação de espanto. A soma total havia superado todo e qualquer otimismo. Por mais que os cálculos se estribassem em cifras altas, ninguém julgara jamais que os sampaulinos de Pedrouços fossem tão generosos como estava patente. Nada menos que oito mil e quinhentos cruzeiros haviam sido arrecadados para as primeiras despesas!

Não houve um só sampaulino que não tivesse contribuído com a sua parte. De tôdas as camadas sociais tinha vindo dinheiro para o empreendimento. Até o Zequinha Pintado, o humilde zelador do jardim tinha dado a sua quota. Pouca coisa, materialmente falando, pois era um pobre zelador, com ordenado pequeno. Mas os seus 5 cruzeiros representavam muito, porque eram a prova eloquente da simpatia que o São Paulo F. C. desfrutava em Pedrouços.

A comissão encarregada de redigir os estatutos apresentou também o seu trabalho. Lido artigo por artigo, foram aprovados com pequenas alterações.

A quantia arrecadada foi entregue à diretoria para que a destinasse aos fins necessários. Ficou de posse dela o 1.º tesoureiro e depois de todos aprovarem as providências já encetadas para o arranjo do campo, solicitaram a João Costa que fizesse o possível para tal tarefa ficar logo concluída. O quadro tinha urgente necessidade de treinos e tão depressa ficasse constituído o "onze" titular, os jogadores deviam lidar com a bola.

Alvitrou-se sôbre a necessidade de se tratar da aquisição do uniforme. Rubens Serva, que iria a São Paulo, ficou encarregado de compra-lo, depois de estar de posse das medidas de todos os elementos do quadro.

Passavam das 20 horas quando a assembléia foi encerrada. Sairam todos. Pedrouços tinha, agora, legalmente, mais um clube esportivo.

O que iria ser da vida do C. A. Tricolor?

15

Desde que começara a trabalhar para a consecução de sua idéia, João Costa já não era o mesmo homem de hábitos medidos, entrando em casa a horas certas, almoçando com o tempo cronometrado. Aninha tinha sentido também a mudança do marido, mas não queria chamar sua atenção. Evitava as discussões, julgando que êle voltasse ao caminho antigo. Mas à medida que o tempo corria e que a idéia tomava forma e consistência, mais João Costa vivia diferentemente. A mulher amuava, mas diante do ar ensimesmado dele tinha pena de o apoquentar com essas pequeninas observações que muitas vezes envenenam o ambiente doméstico e, sem se saber como, explodem em tormentas. Estava certa que era apenas a fundação do clube que havia transtornado os costumes do marido, e achava que também êle tinha direito a uma distração fora das obrigações diárias. É verdade que ela se encontrava muito só na casa. Sem filhos, pouco amiga de visitas repetidas, não gostando de intimidades com as vizinhas, Aninha via-se solada. Depois das refeições, as quais João Costa fazia quasi sem trocar palavra, voltava ao ramerrão de todos os dias e isso punha-a nervosa.

Jamais tivera queixas do marido. Sempre fora um homem honesto, inteiramente voltado para sua companheira e sua casa, com um profundo senso do dever. João Costa era, conforme se diz, um marido-modelo. Porisso é que Aninha relutava em entrar em explicações, porque tinha que ferir um ponto que talvez o melindrasse. Mas, naquele domingo, ela estava realmente disposta a queixar-se. O marido não havia

aparecido para jantar, já passavam das 20 horas e nada dele chegar.

Assim que João Costa surgiu, com um semblante de alegria, denotando seu bom humor, Aninha esboçou um sorriso para adoçar sua tristeza e foi ao encontro dele.

— Agora, João? Porque não me mandou avisar que não viria jantar? Eu calculei que você estivesse na reunião do clube, mas não custava nada mandar um recado. Fiquei esperando muito com o jantar na mesa e vendo que não vinha, fiz a refeição sozinha.

— Não me foi possível vir antes. Pensei que não demorasse tanto assim. Desculpe-me.

— Ainda quer jantar? Guardei um prato, mas a comida deve estar intragável depois de tanto tempo sobre o fogão.

— Prefiro um café. Estou sem fome.

Aninha estendeu a toalha sobre a mesa e foi passar o café.

— A reunião foi muito bem. Já estamos com tudo pronto. A subscrição atingiu a uma quantia que ninguém esperava. Calcule quanto arrecadamos?

— Não tenho a mínima idéia. Você sabe que não conheço essas coisas de esporte e nem mesmo posso saber quais são as pessoas daqui que estão sob sua bandeira.

— Pois conseguimos mais de oito mil cruzeiros! Uma soma enorme. Além do mais, já temos vários pedidos de inscrição de sócios.

— Meus parabens. Faço votos que o seu trabalho não seja feito em vão, porque você está tão engolfado nessa tarefa, que seria pena vê-la fracassar. Mas aí há uma parte que precisa ser analisada e, creio, assiste-me o direito de fazer certas perguntas.

— Pois pergunte. De que se trata?

— Da sua, da nossa vida. Receio muito que o tempo dispendido com esse clube esteja conspirando contra a nossa tranquilidade futura.

— Já vem você com o mesmo pessimismo de sempre. Não faça conjecturas agoirentas que isso me entristece,

— Não são conjecturas agoirentas. É que, nesse andar, temo que você venha a sofrer as consequências dêsse entusiasmo. Sempre vivemos tão felizes, tão juntos, e porque agora havemos de quebrar essa felicidade, essa paz, atirando ao lago da nossa vida uma pedra que vai enrugar as águas e formar círculos que as revolucionam?

— Mas porque êsses pensamentos? Estarei por acaso comprometendo o nosso futuro? Em que pode influir no curso de nossa vida a simples fundação de um clube esportivo?

— Você está tão integrado nessa idéia que não vê coisas tão claras, tão transparentes, do conhecimento de todos. Você ignora por acaso que o êxito do seu empreendimento representará o fracasso de sua atividade comercial? Porque atirar pela janela um patrimônio moral e mesmo financeiro, acumulado através de tantos anos de constância, de tenacidade? Agora, que é casado, seria a época mais imprópria possível para recomeçar. E você sabe que a sua saída da Casa Amarela é o sinal para êsse recomeço que eu receio muito.

— Existem leis que protegem o empregado. Não estamos mais nos tempos em que o empregador dispensava o seu auxiliar com a mesma desenvoltura que tirava uma camisa suja. Sempre fui, e disso tenho orgulho, um empregado correto e jamais dei motivos ao Cel. para a menor queixa. Apesar da nossa rivalidade esportiva, faço do velho um juízo lisonjeiro. Coloco-o acima da rivalidade clubística. Êle, experimentado como é, há de relevar o meu entusiasmo, que não visa o mal de ninguém. Também êle acalenta o mesmo amor ao seu clube e não vejo nisso nenhum desdouro. Pelo contrário.

— Faço votos para que assim seja. Afinal, quando é que o clube vai jogar? Como é mesmo que se chama?

— C. A. Tricolor. Ainda não sei com certeza o dia do início das nossas atividades. Já temos todos os elementos necessários, mas o campo é que é o problema. Falei com o Maneco Engenho, mas êle agora não pode trabalhar para nós.

Vamos ocupar o terreno do Jesuino. Tudo, felizmente, há de dar certo e ainda quero leva-la ao estádio do C. A. Tricolor.

Aquela conversa entre marido e mulher limpou os horizontes. Casados por um amor profundo, que nasceu das mesmas condições sociais, João Costa e Aninha formavam um par invejável. Vivendo satisfeitos com o que o destino lhes havia dado, sua vida doméstica corria serena, e a única nuvem que toldava aquele céu era a falta de um filho.

João Costa enlaçou a mulher e dirigiram-se à janela. Levantaram os olhos para o céu, ficaram muito tempo vendo o tremeluzir das estrelas e um mesmo pensamento agitava a ambos: e si tivessem um filho?

Aninha suspirou. Baixou os olhos, encostou-se ao marido e parecia que ambos estavam conversando, tal o entendimento que transpareceu no semblante dos dois.

O marido estreitou mais a mulher nos braços, deu-lhe um beijo e completou a interrogação que bailava entre êles:

— E si tivéssemos um filho?

16

A demora em começar os serviços de nivelamento do campo estava prejudicando a organização do time. Não havia outro local para os treinos a não ser o campo do Vulcão, mas este não seria solicitado em hipótese alguma. Mesmo porque, era quasi certa a recusa do Cel. Firmino. O gramado do Glória F. C. estava em péssimas condições. O clube estava há muito tempo inativo e porisso o campo estava abandonado. Nele pastavam os cavalos, cabras e carneiros que perambulavam pelos arrabaldes. O Glória F. C. estava em fase de dissolução judicial, e com isso o seu patrimônio havido ficado sem nenhuma administração. Com isso, o tempo se encarregava de destruir as arquibancadas e de transformar o outrora bem tratado campo num "rapador" enfesado.

Os diretores do C. A. Tricolor estavam porisso numa situação aflitiva. Esperar pelo seu campo seria prolongar de muito tempo a estréia do conjunto. Outro local não havia. O melhor seria optar mesmo pelo campo do Glória F. C., porque na piór das hipóteses serviria para os bate-bolas e manter os jogadores em contacto permanente com os companheiros, estabelecendo o que em futebol é 50% do êxito: entendimento.

Houve uma reunião da diretoria para deliberar sobre o assunto e ficou assentado que se procurasse o João Agolfa, depositário do campo do Glória. Talvez ele não opusesse nenhum obstáculo. Nesse caso o C. A. Tricolor treinaria mesmo lá, a-pesar-das irregularidades do terreno, produzidas pelas chuvas.

Tudo foi feito e João Agolfa acedeu prontamente. O primeiro treino do C. A. Tricolor foi marcado para uma quinta-feira, dia feriado em que o comércio cerrava suas portas às 15 horas. Às 16 horas compareceram os jogadores, com João Costa à frente. O presidente fazia às vezes de técnico, pois como jogador que era, entendia perfeitamente do esporte. Além do mais, sua autoridade sobre os demais elementos era fator de suma importância. Num conjunto a disciplina representa coisa de muito valor e João Costa era respeitado e fazia-se respeitar por diversos motivos.

Em primeiro lugar aparecia sempre como o criador e executor da idéia da fundação do clube. Em segundo, destacava-se dos demais pela sua conduta inflexível no cumprimento do dever e impunha-se também pelo seu nível intelectual mais elevado e pelo seu conhecimento profundo do "soccer".

O primeiro ensaio dos tricolores havia chamado a atenção de toda Pedrouços. Em redor do gradil que separava o outrora campo, apinhavam-se centenas de pessoas, ávidas por assistir o que fariam aqueles jogadores que nunca haviam tido contacto entre si. A maioria compunha-se de sampaulinos, mas também ali estavam pessoas de outros credos esportivos, como também os neutros, que tinham ido ao campo por mera curiosidade.

O maior problema do C. A. Tricolor e que provocou certa hilaridade naqueles que torciam por um fracasso, foi o fato dos dois times não se apresentarem completos. Com falta de jogadores, porque para muitos postos o clube não tinha ainda reservas suficientes, os dois quadros apresentaram-se com 9 homens cada um. O conjunto principal tinha uma única dúvida na ponta direita. Conforme João Costa previra, Gaspar, o telegrafista, não chegou a integrar o quadro. Antes do primeiro treino ele foi removido e com isso o problema da ponta direita continuou aberto. Faltava ainda um homem, o eixo do quadro, o centro-médio, mas esse já estava seguro. Não aparecia naquele primeiro treino porque estava viajando. Era

o Binão. Depois de muita insistência de João Costa, aceitara, enfim, o lugar. Mas tinha sido chamado na véspera, com urgência, para ver um irmão que estava passando mal.

João Costa formou o time passando o meia direita para a ponta e colocando um zagueiro no lugar do centro médio. Dessa forma enfreqüenciou o terceto final, mas dava segurança à intermediária. No conjunto dos reservas, onde havia a falta do meia esquerda e do centro avante, o quadro jogou assim mesmo. Posta a bola no meio do campo, o juiz, Francisco Câmara, deu o apito inicial. João Costa, centro avante experimentado movimentou o balão com perícia e coordenou o ataque da sua linha de frente. Os demais homens, quasi todos jogadores que não lidavam com a bola há longo tempo, com exceção de uns quatro ou cinco de cada lado, fizeram um trabalho mediocre. Houve, entre os assistentes, rizinhos de mofa. Os moleques fizeram pilheria.

Em dado momento a bola rolava entre os jogadores sem ser conduzida por nenhum deles e isso serviu de motivo para francas gargalhadas daqueles que ansiavam por um fracasso acachapante.

João Costa não desanimou. No intervalo do primeiro para o segundo tempo instruiu os jogadores, fez-lhes ver os pontos mais vulneráveis, refreiu o afoitamento de uns, incitou outros e novamente a bola foi posta no meio do campo.

Novo açodamento em busca da bola e ela, novamente, a fugir dos jogadores como num brinquedo de esconde-esconde. A assistência gosava com aquilo. Unicamente os sampaulinos estavam sérios.

Depois de muito suor inutil, Francisco Câmara, a um sinal de João Costa, apitou, dando por terminado o treino.

À noite, nas rodinhas formadas no bilhar, muitas foram as troças que se fizeram a respeito do primeiro treino do C. A. Tricolor. Ninguém levou a sério o clube e começaram as hostilidades. Os mais atrevidos, com ar acintoso de pequenos guerreiros vitoriosos, interpalavam os outros: "você quer jo-

gar no C. A. Tricolor? Nem Friedenreich seria capaz de marcar gols naqueles goleiros. Eta "timão" de respeito!..." Ou então assim: "É verdade que o C. A. Tricolor vai contratar Leonidas? Ouvi dizer que já ofereceu 500 mil cruzeiros ao centro avante do São Paulo".

João Costa ouvia as mordazes palavras dos descrentes e ficava quieto. Tinha confiança no seu clube. Outros também, hoje famosos, começaram do nada. Eles que esperassem.

O insucesso em nada abalou o ânimo daquele homem que havia nascido com a couraça invulnerável dos predestinados. A fé que João Costa depositava no seu empreendimento era inatacável. Jamais alguém vira-o esmorecer, qualquer que fosse o argumento.

Aqueles rizinhos venenosos não poderiam influir na sua decisão. Si fosse abandonar o seu sonho, agora quasi tornado realidade, unicamente porque meia duzia de indivíduos que nasceram para a destruição, fizeram caçoada daquele primeiro treino, não levaria a bom termo os seus propósitos. Pensando bem, êle achava razão para aquela crítica. Os dois times andaram pelo campo como frangos tontos, quando saem do balaio depois de longo tempo de inatividade. Para aqueles que estavam assistindo, devia ser mesmo cômica a corrida atrás da bola e esta sempre fugindo dos jogadores como se entendesse tudo.

A sua pressa em pôr os homens em campo impediu que êle esperasse mais algum tempo para arranjar os elementos que faltavam. Estava aflito para ver os quadros lidando com a bola. Parecia-lhe que si experimentasse logo os quadros, estaria definitivamente assentada a base do novo clube e nada mais seria capaz de remove-la. Daí aquela pressa, aquele afoitamento, aquela sofreguidão em ver a peleja dos futuros esperados craques do C. A. Tricolor.

Jogador experimentado que era, estava certo da fragilidade técnica de todos os homens. Dava porém o devido desconto porque ambos os conjuntos jogaram desfalcados e nin-

guem pode exigir de nove homens o trabalho perfeito, bem ligado, bem compreendido de 11 jogadores que se auxiliam mutuamente.

Qualquer time, por melhor que seja, desde que tenha um homem, um apenas fora de campo baixa grandemente de rendimento. Que esperar, pois, de 18 homens que jamais haviam jogado juntos, muitos até improvisados nas respectivas posições?

O que afligia João Costa é que os outros, os criticos de última hora não pensavam assim. Para êles o treino inicial havia sido uma choldra e se escudavam nisso para espalhar o descrédito entre os que, possivelmente, poderiam vir formar nas fileiras do Tricolor.

As suas esperanças jamais ficaram abaladas com isso, a-pesar-de tudo. Continuava com aquela centelha interior a iluminar-lhe o coração e levaria por diante sua tarefa, contra tudo e contra todos.

17

Aninha não andava passando bem. Emagrecia com rapidez, desandava num choro convulsivo que alarmava o marido, fazendo-o correr ao Dr. Sobral afim de solicitar sua assistência. Chegado o velho médico, antigo amigo da família desde os tempos do pai de João Costa, tratava Aninha com carinhos paternais. Falava-lhe como um amigo, exortava-a a que sacudisse aquele tédio que a tomava tôda.

— Trocar de ambiente, passar uma temporada em alguma fazenda ou em outra cidade onde ela encontre diversões, vida agitada, mudança contínua de panoramas. Nervos, unicamente nervos. A vida de vocês é muito terra-a-terra. Aninha precisa ter filhos. Êles não veem e daí êsse abatimento, essa exacerbação nervosa que provoca os choros, êsse mal estar contínuo, êsse amuo inexplicavel. Aconselho-o, João, que a leve por uns tempos para a Fazenda do Carlos. Você tem dois sobrinhos, Aninha tem um sentimento materno exagerado e sente falta dêsses pequeninos seres.

Não se agaste, meu amigo, mas ela, até certo ponto, ficou decepcionada com o casamento. Sòzinha, à espera que apareça um bebê, os seus nervos teem se irritado. Naturalmente que não cabe nenhuma culpa a você, mas essa irritação é inevitavel.

— O sr. acha que uma temporada na Fazenda do Carlos possa acabar com êsse estado de excitação? Não me importa ficar sòzinho por uns tempos, contanto que ela recupere a antiga saude e o seu bom humor.

— Creio que melhorará. Irá pelo menos encontrar mais movimento, mais distração. Você é muito bom rapaz e conheço-o como marido exemplar, mas a vida de vocês é muito vasia, principalmente para uma mulher do temperamento de Aninha.

— Será que ela não terá mesmo filhos? Sinto muito si assim acontecer.

— Não posso adiantar nada. Muitas vezes os filhos aparecem quando já ninguém espera. Leve Aninha para a Fazenda e não perca a esperança.

João Costa escreveu ao irmão comunicando o estado de Aninha e pedindo que Marianinha e mais as crianças fossem até Pedrouços. Passariam lá uns dias e, na volta, levariam consigo a mulher, tão precisada de mudança de ares.

Carlos respondeu ao irmão marcando o dia da chegada da cunhada e dos sobrinhos. Quando Aninha soube da próxima visita, ficou muito contente. Deu novo arranjo à casa, trocou as cortinas da sala de visitas e diariamente punha flores novas nos vasos. No dia marcado para a chegada levantou-se de ótimo bom humor e até cantarolou um samba, coisa que não fazia há tanto tempo.

Chegaram às 15 horas e João Costa saiu mais cedo da loja para abraça-los. As crianças estavam robustas, denotando os benefícios de uma vida livre e alimentação abundante e sadia. Marianinha era a mesma de sempre, meiga e solícita, boa mãe e esposa afetiva. Aninha transformou-se com as visitas. Não se cansava de afagar os dois sobrinhos e tinha para êles mimos de verdadeira mãe. Fazia-lhes os pratos na mesa, não permitindo que Marianinha interviesse. Guardava os melhores doces para os dois e à noite, depois que João Costa chegava, quando não havia reunião no clube, fazia bonecas para Olga e desenhava polichinelos para Rubens. As crianças, encontrando quem lhes fazia tôdas as vontades, não largavam de Aninha, só deixando-a quando iam dormir.

Sentados todos na sala de jantar, Marianinha contava a vida da Fazenda, falava dos encargos do marido, do quanto êle

estava apegado àquele pedaço de chão. Da amizade que todos tinham por êle porque era homem leal e trabalhador. As crianças contavam as traquinadas que faziam juntamente com os filhos dos colonos, e Aninha ria-se com as peraltices daquelas alminhas em embrião, engolfadas apenas com as travessuras próprias da idade.

Às vezes, quando a conversa recaía sôbre a vida do casal, Aninha tinha suspiros inexplicaveis. Queixava-se agora da constante preocupação do marido, desde que fundara o C. A. Tricolor. Julgava-se muito só, pois João Costa entrava sempre apressado, comia preocupado, contando os minutos, na ânsia de não perder nem um segundo para retornar aos trabalhos de organização do clube. À noite, mais aumentava sua solidão, porque raramente não havia reunião dos directores e sempre o marido estava à frente de tudo. Talvez fosse porisso que os seus nervos andavam tão tensos, tão necessitados de repouso.

Tinha muita vontade de ir para a Fazenda mas ao mesmo tempo sentia deixar o marido tão só. Êle iria tomar as refeições com Francisco Câmara e a Ludovina, a preta da Coletoria, viria limpar a casa todos os dias. Mas tinha pena dele. Sempre tão bom, tão amigo, sentia remorsos em abandoná-lo. Queria ir quando êle pudesse tirar férias, mas o médico achou que não devia adiar a viagem. Devia ser agora.

João Costa animava-a. Não haveria de ser nada. Êle ficaria bem, apenas sentindo muito sua falta. Mas fosse. Que desfrutasse bem o ar sadio da Fazenda e a companhia de todos.

Cinco dias depois da chegada de Marianinha, começou o arranjo para a volta. Ela não podia demorar muito. As crianças precisavam ir à escola e Carlos sentia-se muito só. As malas foram abertas e Aninha começou a empilhar sôbre a cama as roupas de que necessitava. João Costa lembrava uma coisa ou outra e ajudava a mulher, animando-a com palavras. Que não se esquecesse de tomar os remédios nas horas certas. Marianinha que fizesse o favor de lembra-la. Era

muito esquecida. As crianças, com êsse espírito infantil que busca novidades, ansiavam pelo regresso. A viagem por estrada de ferro era para elas um acontecimento.

— Escreva sempre João. Não fique até muito tarde nas reuniões. Lembre-se que você está emagrecendo. Não deixe de tomar os ovos quentes tôdas as manhãs. Na cestinha tem duas duzias. Quando acabar peça à Ludovina que vá à chácara da Zelinda buscar mais. Já falei com ela para guardar.

João abraçou-os a todos, um por um, sentindo um grande nó na garganta. Desde que se casára jamais havia se separado da mulher e aquela despedida era como se lhe arrancassem um pedaço da alma. Com a partida de todos aqueles entes que faziam parte do seu ser, sentiu-se repentinamente como um barco desarvorado em pleno turbilhão. Quando o trem desapareceu, êle sentiu um grande peso no peito.

18

Ficando sòzinho, João Costa procurava mais trabalho a-fim-de encher as horas. Não suportava a ausência da mulher e precisava de qualquer preocupação que desviasse o seu pensamento.

Procurou Maneco Engenho. O início do serviço já estava muito demorado. Falou com o empreiteiro, encareceu a necessidade de se começar a nivelar o campo. De fato, dois dias depois os homens de Maneco Engenho amanheceram no terreno de Jesuino Silva. Quando João Costa chegou, pois já sabia da resolução do empreiteiro, naquela manhã de brumas, encontrou o trabalho em pleno desenvolvimento. As carroças iam e vinham conduzindo a terra, despejavam, e os encarregados espalhavam-na com as enxadas. Depois vinha a máquina compressor e reduzia aquela camada alta numa fitinha bem chata, comprimida pelas toneladas de ferro que sôbre ela passavam.

— Quanto tempo você acha que leva êste serviço? perguntou a Maneco Engenho.

— Com os trabalhadores que disponho, trabalhando o dia todo, darei o terreno preparado dentro de 10 dias no máximo. Sem contar o plantio da grama. Isto leva muito tempo porque depois só os cuidados de todos os dias até que ela pegue bem.

— Será que dentro de três meses poderemos ocupar o campo?

— Antes disso. Essa qualidade de grama que o sr. recebeu alastra-se logo e antes daquele praso espero que o campo esteja completamente “vestido”.

Mais tarde foram chegando outros diretores do C. A. Tricolor, sequiosos por verem aquele “estripamento” do terreno de Jesuino Silva. Para Pedrouços aquilo era um fato invulgar. Servia para proporcionar distração aos habitantes, tão faltos de coisas interessantes. Afora o interesse esportivo da construção do novo campo, havia agora aquele “cafezinho” de todos os dias. Nas horas vagas, nos intervalos das refeições, ou à tardinha, quando o cavaco na farmácia morria de tédio, todos se dirigiam ao “estádio” do Tricolor e lá trocavam impressões.

O Cel. Firmino gostava de acompanhar tôdas as providências que os diretores do novo clube tomavam. Ouvia com concentrada atenção as explicações que João Costa lhe dava sobre os trabalhos que vinham sendo feitos. Parecia até que o velho proprietário tinha parte na nova agremiação que surgia.

— Mas vocês vão construir também arquibancadas? Já há dinheiro para tudo?

— Pretendemos construir. O dinheiro irá entrando à medida que surgirem novos sócios e também as rendas dos jogos. O nosso time principal já está formado e tem treinado continuamente. Dentro de mais algum tempo já pode apresentar um padrão de jogo aceitavel. E o sr. sabe que o nível técnico de qualquer conjunto é o que lhe angaria lucros.

— Mas então vocês pretendem chegar a êsse ponto? Pois eu pensei que o C. A. Tricolor fosse apenas um clubinho que se contentasse em viajar na rabeira do Vulcão e do Burití, formando ao lado dos últimos da zona. Quero de você

uma promessa, João Costa: o C. A. Tricolor, na sua estréia, jogará com o time do meu clube. Você vai ver que depois dêsse jogo o Tricolor há de custar muito a se levantar. Vou prevenindo desde já que o Vulcão fará questão de dar uma goleada, mas dessas de arrazar.

— Tudo pode acontecer, Coronel. Nunca se pode saber o fim de uma partida. Assim como o Vulcão quer arrasar o Tricolor, nós também havemos de querer quebrar o topete do seu clube.

— Com os jogadores que vocês teem será muito difícil. Esses elementos que não jogam há tanto tempo e que agora voltam para integrar o quadro, pouca coisa poderão realizar de util.

— Tudo há de se arranjar. Como foi que começou o Vulcão?

— Mas naquele tempo era diferente. Jogadores andavam por aí, aos ponta-pés, à espera de um clube. Agora não. Todos estão inscritos e ninguém há de querer sair de um clube para outro sem nenhum interesse. E vocês não podem pagar nada. É verdade que somos amadoristas, mas todos sabem como agem os amadoristas. Sempre recebem sua recompensa. Quando não é em dinheiro, existem outras qualidades de prêmios que fazem às vezes de metal.

— Conosco é diferente. Os nossos jogadores teem ideal e aqueles que se inscreveram na nossa bandeira é porque tributam simpatias ao clube.

— Mas então o Tricolor nasceu empelicado. Tão novo, ainda não fala e já desperta tanto amor?

João Costa não gostou do mau gracejo do velho. Porisso retrucou, pondo um tom de dureza nas palavras:

— O sr. não deve ignorar, porque disso todos estão cientes, que o Tricolor foi fundádo como uma homenagem ao São Paulo F. C. e é porisso que todos os sampaulinos de Pedrouços acorreram a formar o novo clube. É uma nova agremiação

na sua parte material, mas moral e espiritualmente é o prolongamento dessa afeição da torcida sampaulina. Podemos até dizer que o C. A. Tricolor é a cristalização da simpatia dos sampaulinos pedroucenses.

— Melhor seria então que todos vocês fossem para a capital e lá ingressassem no São Paulo F. C.

— Ora, Coronel. O sr. está querendo fazer “blague”. Isso é impossível por diversos fatores que são do seu conhecimento. O primeiro, e decisivo, é que todos nós — na sua quasi maioria — não temos classe para um time de primeira plana. Enumerado êsse fator, os outros desaparecem, porque estão anulados.

Pode ser que uns dois ou três elementos pudessem vir jogar à altura do prestígio do grande clube paulistano, mas êsses teem encargos de família e estão de tal modo radicados aquí, que lhes seria um desastre uma tentativa de tal gênero.

— É pena. Poderiam elevar bem alto o nome de Pedrouços no futeból nacional...

O velho estava impossível. João Costa respeitava o Cel. Firmino porque havia trazido da infância essa admiração que tôda a criança tem pelos adultos, principalmente quando estão cercados de consideração. Ademais, nos seus longos anos de convivência com êle, formou em torno do velho, instintivamente, êsse halo de simpatia que se tem por aqueles que nos assistem nos momentos difíceis. Mas não compreendia aquele estrabismo no Cel. Firmino nessa questão esportiva.

Admirou-se de constatar que conforme foi avisado pela mulher, por Francisco Câmara e por todos, o seu antigo patrão não transigia nêsse terreno. Ficou boquiaberto. Como é que um homem, que parecia um espírito tão superior, longamente vivido, fosse apegar-se a uma coisa tão fragil, tão mesquinha como essa patenteada e indisfarçavel rivalidade esportiva?

João Costa ficou triste. Viu que tinha perdido a amizade do Cel, e supôs que dali por diante não encontraria mais de

sua parte aquela magnitude tantas vezes demonstrada. Viu, num relance, sua vida passada. Sua orfandade. Seus primeiros meses naquela casa da qual fazia parte pelo coração. Nela tornou-se homem. E naquelas paredes para as quais êle olhava com a familiaridade com que se olha para as coisas nossas, viu uma sombra que subia e se espalhava. Era a primeira nodoa a manchar a serenidade de sua vida de empregado, desde a vez primeira que alí entrara.

Mas não iria desistir porisso. Continuaría. Levaria por diante seu empreendimento. Estava lançada a sorte.

19

As camisas haviam chegado. As chuteiras também. Ali estavam todos os petrechos para os jogadores do C. A. Tricolor.

Os treinos tinham se intensificado. Os postos vagos estavam preenchidos. O conjunto ia aos poucos se delineando e já o quadro titular apresentava um padrão bem aceitavel. Já se definia, claramente, o comportamento do onze.

O campo estava em condições de ser usado. Tudo apresentava-se para o primeiro compromisso sério, quando uma notícia alarmante correu um dia em toda Pedrouços: o campo do C. A. Tricolor tinha sido arado!

Nos primeiros momentos ninguém acreditou naquilo. Pensavam que fosse brincadeira de alguém. Jamais havia passado pela cabeça dos pedroucenses que pudesse acontecer tal coisa.

João Costa estava na Casa Amarela, muito antes da hora habitual de abrir a loja, quando foi avisado de que o campo do Jesuino amanhecera completamente revolvido. Ficou desorientado. Correu lá e ficou mudo de colera. Havia metido o arado no campo durante a noite. Ainda na véspera, à tardinha, êle havia estado lá e mais o Francisco Câmara. A grama estava uma beleza e parecia um tapete convidativo. Dava gosto pisar naquela relva macia. Antegosava o momento de comandar o ataque do Tricolor estreitando aquele campo que crescera sob suas vistas, que consumira tanto dinheiro e tanta dedicação. Agora, ali se amontoavam os torrões que o arado arrancára do fundo da terra. As raizes da grama estavam expostas e tudo aquilo significava que o campo tinha que

ser refeito. Mais meses de espera. Mais despesas. O sampaulino ficou sem saber o que fazer. No primeiro momento teve ímpeto de esganar o miserável autor daquele crime. Mas quem seria? Que providências tomar? Saiu dali como um doido. Foi à Coletoria, falou com Francisco Câmara que também já se aprestara para ir ao campo e foram ambos à Delegacia. Contaram tudo. Pediram a abertura de um inquérito. O Dr. Cândido Morais, como delegado e como sampaulino, esbravejou. Haviam de pagar. O infame teria que gemer nas grades além de custear as novas despesas com o campo.

— Vocês não teem nenhuma suspeita? A quem poderia interessar essa obra de destruição? Não foi visto o homem ou os homens que araram o campo? De onde teria vindo êle?

Essas perguntas o Dr. Cândido Mota fazia-as aos dois rapazes andando ao longo da sala do hotel onde era hospede. A autoridade bramia de fúria. Queria descobrir os tais.

— Fazer suposição em tal caso é muito arriscado, mas a quem poderia interessar senão ao Cel. Firmino? Considero-o, entretanto, a-pesar-de tudo, acima dessas baixezas, mas o velho tem demonstrado um tal interesse pela vida do Tricolor que as minhas suspeitas não são de todo arrojadas.

— É, mas sem uma prova concreta nada posso fazer. Vamos fazer algumas interrogações aos moradores das imediações do campo. Talvez alguém seja capaz de levantar a pontinha do mistério. Em todo o caso estou com você, João Costa. O Cel. tem Fazenda e portanto possui êsses instrumentos da lavoura. Quem poderia se dar ao trabalho de arranjar um arado para tal malvadeza?

Sairam João Costa e Francisco Câmara. Durante o caminho paravam a cada passo a-fim-de responderem às perguntas dos grupos que se formaram nas esquinas, todos comentando o extranho acontecimento. Os mais exaltados falavam em ficar de sentinela, armados, e castigar o infame com um bom tiro de sal no trazeiro. Outros, sem rebuços, grita-

vam francamente que aquilo só poderia ter sido obra do Cel. Firmino.

A cidade tôda não tinha outro assunto.

Os dois amigos caminhavam apressados como si as passadas rápidas fossem dar solução àquele problema.

— O que você acha, Chiquinho? Será que foi mesmo o Cel. o autor dessa patifaria?

— Tenho fortès suspeitas. Como bem disse perante o Dr. Cândido, ninguém teria interesse a não ser êle.

— Não sei como poderei continuar a trabalhar com êsse homem, depois disso. Não tenho mais confiança nele. Queria antes que se descobrisse o autor ou autores e que êles não tivessem nenhuma ligação com o Cel. Firmino. Êsse fato veio quebrar a última resistênciã ao meu escrúpulo de considerar o velho um canalha.

— Tenha calma, João. Tudo há de se arranjar. Faremos o campo novamente e vamos pôr lá um guarda de confiança. Por outro lado, pode ser que o Dr. Cândido descubra alguma coisa. Por maior que seja a semelhança entre o procedimento do Cel. ultimamente e os acontecimentos de hoje, pode ser, para felicidade dêle e nossa, que nada tenha com o caso.

— Isso é que não aceito. Justamente devido essa semelhança acredito ser êle o autor de tudo. Custa a crer que um homem como o Cel. desça a tanto, mas a paixão esportiva cega os homens. Para que um indivíduo ponha acima dos seus interesses clubísticos essas rivalidadês próprias de uma visão estreita, é preciso possuir uma formação moral sólida e ter uma obediência inflexível aos princípios esportivos. Infelizmente não é isso que vemos. Os nossos esportes ainda estão sendo dirigidos no sentido de firmar prestígio para aqueles que neles ingressam e enquanto durar essa mentalidade, havemos de ter sempre essas picuinhas. Quando os mentores compreenderem que devem procurar os clubes sem o sentido de fazer cartaz para os seus próprios nomes, então sim. Mas

até lá, muito temos que andar. O que se vê hoje é o esporte emprestando popularidade e fama aos desconhecidos de ontem.

— Você tem razão. Precisamos, contudo, lutar contra êsse conceito. Já existem aqueles que procuram o esporte apenas pelo esporte. Você mesmo é um exemplo disso. Qual o lucro que está tendo? Nenhum. Pelo contrário. Só prejuizos e queira Deus que fique tudo nisso só.

Separaram-se. Nas esquinas continuavam os comentários. João Costa passou por êles como um rojão, respondendo de corrida às interpelações que lhe eram feitas. Não gostava de estar entrando em minúcias com quem tinha interesse apenas em explorar o caso no sentido do descredito para o C. A. Tricolor. E era isso, justamente, o que acontecia.

20

Muitas foram as noites que João Costa passou no desolado campo revolvido. No começo, depois do lamentavel caso, êle colocou lá um guarda noturno, mas parece que êste foi subornado e voltou a repetir-se o atentado. Então o sampaulino prontificou-se a ficar de atalaia, à espera que surgisse o criminoso. Levava consigo dois soldados do destacamento, cedidos pelo Dr. Candido. Era preciso constatar o flagrante para aplicar um corretivo severo no indivíduo que queria impedir a realização há tanto projetada.

O caso não se registou mais depois daquela vigilância atenta. O campo foi se recompondo mas João Costa já não podia trabalhar com a mesma eficiência. Durante o dia chegava a procurar o quartinho da loja reservado ao café e cochilava um pouco. Aquele contínuo passar sem dormir começou a arruinar-lhe a saude. Várias vezes foi encontrado quasi dormindo e isso aborreceu-o muito. O Cel. Firmino soube do caso e exasperou-se. Repreendeu-o com os modos de um pai que zela pelo comportamento do filho, mas no fundo percebia-se uma longínqua ameaça que poderia vir concretizar-se. O rapaz desculpou-se como pode mas não deixou de ficar profundamente abalado com o caso. Habitudo a cumprir as suas obrigações como um verdadeiro sacerdote, ficou pesado com aquele incidente.

A ausência de Aninha também contribuia para o desassosiego de João Costa. Sentia-se perdido na casa. A-pesar-dos arranjos da Ludovina, que a trazia bem arranjadinha e cuidava de tudo, não suportava a ausência da mulher. Aninha

estava recuperado rapidamente a saúde. Todos os dias dava longos passeios com as crianças, passeava a cavalo, percorria as redondezas e, à noite, todos sentados no varandim, contavam os fatos do dia porque cada passeio era um "descobrimto" para êles.

João Costa sentia-se ainda mais só quando recebia cartas da mulher. Imaginava a Fazenda do irmão agitada com as figuras de tôdas aquelas pessoas queridas. Acompanhava-as mentalmente nos passeios e sentia não poder partir imediatamente para tomar parte naquela comunhão que tão bem lhe fazia à alma.

Desejava a volta da mulher mas temia aborrece-la. Tinha receio que Aninha ainda não estivesse bem forte e para êle apresentava-se outro problema: e si ela, em Pedrouços, viesse a sentir saudades fortes da Fazenda? Aninha era um temperamento profundamente afetivo. Com os nervos exacerbados pela monotonia da vida na cidade, podia ser que a súbita separação daquelas crianças viesse agravar ou fazer renascer aquele estado anormal. Na Fazenda ela havia adquirido a sua jovialidade, que era o traço mais interessante de sua personalidade. Convivendo todos os dias e tôdas as horas com os sobrinhos, tendo já se libertado daquela crise que a avasalara, podia ser que a melancolia a assaltasse de novo, quando do regresso. Esse o medo de João Costa. Mas era preciso. A demora já estava muito prolongada e êle também não podia continuar aquela vida de órfão, perdido na casa, atribulado com o seu emprego, pensando no clube, com o constante olhar do Cel. sobre si como um gavião que espreita a presa e arma o vôo para arrebatá-la pelos ares.

Às vezes ficava com o olhar parado, absorto, parecendo querer desvendar o amanhã. Era preciso que Chiquinho lhe chamasse a atenção, mostrasse a comida que estava esfriando, para então ele dar início à refeição. Começou a mudar muito. Não sustentava mais uma prosa prolongada. Respondia por monossilabos, enfadava-se por qualquer coisa e fugia de muita

companhia. Preferia andar só, calado, pensando naquilo que lhe ia lá por dentro.

Francisco Camara começou a estranhar o amigo e companheiro de infancia. Percebeu que João Costa não podia viver só.

— Porque você não escreve à Aninha chamando-a?

— Temo aborrece-la. Ainda ontem recebi carta e vi que ela está contentissima na Fazenda. Sente-se muito bem e não demonstrou desejos de regressar logo. Compreendo que a vida aqui, ainda mais para ela, sem filhos, é mesmo aborrecida. Mas, o que posso fazer? Depois, ultimamente, devido os trabalhos que tenho tido com o nosso clube ela sentiu-se ainda mais isolada. Creio até que foi esse o motivo preponderante de sua doença.

— Voce exagera. Concordo que ela se sinta triste, o dia todo metida em casa, sem a menor distração, mas não ha razão para se supor que tenham sido os seus trabalhos com o clube a razão principal disso. Naturalmente suas constantes saídas ainda mais a irritam, pois ela já se encontrava numa fase de abatimento, mas não fique preocupado porque você não tem culpa nisso. Si tem medo que ela volte a sentir esse isolamento, justamente agora, depois de sair da companhia alegre da Fazenda, porque não alvitra a vinda de uma das crianças por uns tempos?

— Boa ideia, Chiquinho. Seria o melhor meio de atenuar essa brusca mudança de ambiente. Vou escrever para lá, pedindo ao Carlos que deixe vir um dos filhos em companhia de Aninha.

Mais um mês se passou antes que João Costa pudesse abraçar a mulher. Agora, finalmente, ela estava ali, sentada perto da janela da varanda, tendo perto a sobrinha. Aninha estava mudada. Sentia-se disposta e alegre e tinha verdadeiros mimos com a menina. Cercava-a de toda a atenção, procurava adivinhar os seus pensamentos, fazia-lhe pratinhos saborosos, comprava-lhe guloseimas e a tal ponto chegou sua

dedicação que o proprio João Costa sentiu-se desprezado. Um dia, em tom de pilheria, fez alusão à mudança da mulher, dizendo ter sido colocado de lado no seu afeto. Aninha ficou enleada. Procurou explicar, atrapalhou-se e saiu para a cozinha sem poder continuar a conversa.

Os dias iam correndo e cada vez mais Aninha prendia-se à menina. O marido viu que agora a separação era impossivel, sob pena de se produzir qualquer choque perigoso. Porisso escreveu ao irmão solicitando que a sobrinha ficasse ali mais tempo. A principio Marianinha não queria concordar. Mas depois que Carlos explicou que ela ficaria frequentando a escola em Pedrouços mesmo, acabou por ceder. Preparou a roupa que tinha ficado na Fazenda e despachou. Ficou combinado que ela voltaria nas ferias de fim de ano.

Quando Aninha recebeu a resposta dos cunhados ficou contentissima. Foi ela mesma ao grupo escolar, falou com o diretor e apesar das aulas já terem começado, arranjou matricula para a sobrinha. Pediu ao marido que comprasse outra cama, pois aquela de solteiro era feia. Queria uma caminha de criança, cor de rosa com cortinado da mesma cor para alegrar Olga.

21

Chegara finalmente o grande dia! Os moradores de Pedrouços iam enfim presenciar o quadro do C. A. Tricolor. Tudo estava preparado. O Vulcão havia aceito o desafio, pois o jogo tinha que ser amistoso. O novo clube não estava ainda devidamente inscrito e porisso a partida não fazia parte do campeonato da região. Alem do mais, João Costa e seus companheiros queriam que a estreia do Tricolor fosse justamente contra o clube do Cel. Firmino. Com a saída do seu centro avante que era o proprio João Costa, havia se quebrado a homogeneidade do ataque do Vulcão e isso era vantagem para o novel time que ia enfrentar o terror daquela zona.

Conforme João Costa previra, Jonguinho era agora o novo comandante do ataque do Vulcão. Apesar de ter grandes interesses em Mato Seco, aceitou a proposta do Cel. Firmino. Estava agora em Pedrouços como autentico profissional, pois apenas ocupava seu tempo com os treinos e os jogos. Não se sabia quanto estava ganhando, mesmo porque na sua categoria de amador seria um escandalo vir a publico a quantia que o Cel. Firmino lhe pagava. Não restava duvida, porem, que ele era um amador-marrão, como tantos que existem em todas as partes do mundo, mas que fazem questão de encobrir a apparencia, aparecendo como denodados amadores. Com essa decisão do presidente do Vulcão, João Costa estava com a sua situação na Casa Amarela tambem ameaçada. Não se compreendia que Jonguinho fosse ser mantido assim por muito tempo. Era forçoso que se lhe arranjasse uma ocupação e essa só poderia ser na loja, desde que ele era caixeiro. Si por

acaso continuasse naquela vida logo apareceriam os comentários e não faltaria quem fosse aponta-lo como profissional e isso seria mau para o clube que defendia.

O jogo seria no campo do Vulcão porque o do Tricolor ainda não estava completamente pronto. Haviam sido convidadas as pessoas mais influentes nos esportes de todo o interior do Estado, que mantinham intercambio com Pedrouços. Até de São Paulo iria gente porque o C. A. Tricolor oficiou ao São Paulo F. C. fazendo questão de contar entre os seus convidados com um representante do tricolor paulistano. Porisso o clube do dr. Decio Pedroso já havia delegado poderes a um dos seus diretores para assistir a partida estreia do C. A. Tricolor. Como apendice esportivo do São Paulo, como nucleo que congregava a torcida sampaulina naquela zona, não podia deixar de comparecer um dos homens do clube das tres cores ao jogo que significava o batismo do clube que surgia do esforço desses mesmos sampaulinos. Até Carlos, o irmão de João Costa, havia chegado para o grande dia.

Pedrouços apresentava o aspecto festivo, com muitas pessoas de fora, e os seus dois hotéis com os quartos já todos tomados. Restavam apenas aqueles que haviam sido especialmente reservados aos convidados de categoria. Os diretores do C. A. Tricolor faziam questão de assinalar aquele dia de modo indelevel e porisso o campo foi todo enfeitado e até a rua que desembocava no estadio do Vulcão foi engalanada com arcos de bambús. A Lira Pedroucense levou duas semanas inteirinhas a ensaiar o seu repertorio para poder festejar melodicamente o lançamento do futuro adversario do maior clube das redondezas. Dizia-se que o Vulcão iria dar tamanha surra no Tricolor, que este perderia, para sempre, qualquer veleidade de se apresentar como adversario do clube do Cel. Apesar da saída de João Costa da linha de ataque, o dono da Casa Amarela não se mostrava muito preocupado. Tinha absoluta confiança em Jonguinho e apesar deste ser mais novo como jogador do que o seu empregado, apreciava mais o ex-integrante do Buriti do que o seu caixeiro. Gostava das

suas entradas fortes, coisa que contrariava o temperamento de João Costa como jogador. Este dispunha de um jogo mais tecnico, mais suave, e tambem mais espetacular. Concluia com incrivel justeza e sabia procurar o setor mais fraco do adversario. Era enfim um jogador de maior traquejo e mais calculista.

Os palpites, na sua maioria, pendiam todos para o Vulcão. Ninguem supunha possivel uma vitoria do Tricolor. E' verdade que o novo clube já havia realizado duas partidas mais ou menos sérias, mas apesar de tudo, como diziam os seus adversarios, nenhum quadro tinha as credenciais do campeão da zona. De mais a mais os dois jogos que o Tricolor realizara foram a titulo de experiencia e isso queria dizer que os adversarios não se empregaram com muito rigor.

Depois que o comercio cerrou suas portas, o povo começou a se dirigir para o campo do Vulcão. O domingo estava bonito e a tarde prometia uma temperatura amena. Quando a Lira Pedroucense desceu a rua principal, naquele passo cadenciado do dobrado que abria todas as suas marchas, houve um "frisson" na população. Ninguem ficou indiferente ao grande acontecimento. O assunto obrigatorio era o choque entre os dois clubes e até as pessoas inteiramente alheias ao futebol tomaram interesse por aquele encontro que iria decidir do destino do Tricolor.

Quando a banda musical chegou ao estadio já este se encontrava com mais da metade de suas dependencias tomadas. Faltavam entretanto as pessoas de destaque do lugar, bem como os convidados e diretores dos dois clubes. Nas gerais e nas arquibancadas apostavam-se grandes quantias e já naquele primeiro encontro começou a se esboçar a futura torcida do C. A. Tricolor, que haveria de brilhar nos futuros encontros do seu clube. Ela se postou no centro das arquibancadas e enchia os ares com seus gritos de incitamento. O jogo deveria ter inicio às 16 horas e 30 minutos e poucos minutos antes chegaram as pessoas convidadas acompanhadas das duas diretorias. Tomaram assento numa tribuna especialmente ar-

mada para isso. De repente estrugiram vivas e o estadio foi sacudido com um grito que repercutiu bem ao longe, como um escachoo. E' que haviam entrado em campo as duas equipes. À frente vinha o juiz, seguido pelos dois "bandeirinhas". Mais atrás, em fila indiana, surgiu o Vulcão, que foi saudado com grandes manifestações de alegria. Logo depois apareceu o Tricolor. Houve um verdadeiro reboiço no estadio. O brilho morno daquele sol da tarde punha reflexos bonitos no uniforme novo dos jogadores. Correndo em acelerado, agitando as cores naquela troteada, davam a ideia de uma grande cobra serpenteando entre a grama. Os 22 jogadores pararam em frente às arquibancadas e saudaram as autoridades. Houve uma prolongada salva de palmas e então eles retornaram ao meio do campo. Nesse momento ouviu-se uma voz gritar, lá do alto do barranco do lado oposto: "aí, Joãozinho, leve essa linha até o gol do Rosado!" Rosado era o famoso arqueiro do Vulcão, um homem que foi cognominado de "barreira" tal a agilidade com que se deslocava para segurar a bola.

Os jogadores se dirigiram ao meio do gramado. O juiz jogou a moedinha para tirar o toque. O niquel reverberou lá no alto, cintilando ao sol como si fosse uma gotinha d'agua e caiu na grama. — Coroa! exclamou o juiz. Escolhe campo o Tricolor. Os jogadores ficaram contentes. A partida começava bem. Saiu-lhes a sorte favoravel e isso era bom indicio.

Enquanto isso estava sendo feito a Lira Pedroucense animava o ambiente com um maxixe desses que fazem as cadeiras tremer como manjar branco em forma alta. Depois que os dois quadros procuraram os respectivos meio-campos, cessou a musica. Houve um momento de suprema ansiedade na assistencia. Como iria ser o fim daquela partida? Quando João Costa se aproximou da bola, no meio da linha dianteira do Tricolor, o estadio em peso ficou immobilizado. Parecia que toda aquela gente havia sido inopinadamente petrificada.

O juiz postou-se no extremo lateral do campo, olhou para o pulso afim de marcar o inicio do jogo e trilou o apito. Esse

apito foi o toque de alarme. A assistencia saiu do seu torpor. Os 22 jogadores voltaram a ter movimento.

João Costa acionou a bola. A linha toda do Tricolor avançou num mesmo ritmo, fechando sobre a defesa contraria. A pelota caminhou para o meia direita, voltou para o centro, passou para a meia esquerda, caminhou com este e, já vencida a zaga do Vulcão, foi ter aos pés do extrema esquerda que emendou um pelotão vibrante contra o arco de Rosado. Este encaixou espetacularmente. Houve uma vibração prolongada. A assistencia parecia doida com o desfecho daquela arrancada do Tricolor. A saída da bola, a sua trajetoria, os passes medidos, haviam sido acompanhados em profundo silencio. Mas quando o extrema esquerda endereçou-a com violencia contra o arco o povo explodiu. Muitos já tinham gritado goooool... pois julgavam impossivel o arqueiro segurar aquele chute. Mas, Rosado fez alarde de sua classe e confirmou mais uma vez a justeza do seu apelido. "Barreira", e era bem isso, lá estava para defender o arco do Vulcão. Essa primeira investida bem sucedida havia serenado o nervosismo dos tricolores. Eles entraram em campo visivelmente emocionados. Apesar dos repetidos conselhos de João Costa mostravam-se apreensivos. E' verdade que haviam iniciado os ataques justamente pelo setor esquerdo, o mais fraco do Vulcão. E isso redundou num quasi sucesso absoluto, pois si o extrema esquerda não tivesse ficado tão agitado diante do arco contrario, teria burlado a vigilancia de Rosado. Bastava que chutasse no canto justamente desguarnecido.

Os ataques do Tricolor continuaram. O Cel. Firmino, entre os convidados, não podia esconder seu desapontamento. O seu time estava agindo mal. Julgou, porem, que talvez os seus homens estivessem dando corda aos tricolores para, no segundo tempo, encurta-la a tal ponto que eles fossem dominados completamente, como estreantes que eram. Decorreu todo o primeiro tempo com ligeiro dominio dos tricolores. Os do Vulcão concluiam mal e apenas cinco vezes chegaram

até à porta do gol dos contrários, desperdiçando totalmente os chutes devido a rápida intervenção da defesa, sempre alerta. Os tricolores, pelo contrario, estavam coordenando melhor o seu jogo, tinham concluído 12 jogadas maravilhosas e apenas não haviam assinalado gols devido unicamente a Rosado, naquele domingo verdadeiramente soberbo.

O semblante dos sampaulinos estava aberto numa expressão feliz. Valeu a pena todo o trabalho que tiveram, todas as apreensões, todas as atribulações. Ali estava concretizada aquela trabalhadeira toda. Ali estava aquele quadro que estava dando o que fazer ao mais respeitado de todos os conjuntos daquela zona. Até Aninha que, à instancias do marido, havia ido ao jogo, sorria feliz. Beijou repetidas vezes a sobrinha e dizia-lhe: "viu o que fez seu tio"?

O unico ponto ainda incerto do Tricolor era o medio direito, mas mesmo assim, auxiliado por dois companheiros solertes, estava respondendo muito bem aos apelos que lhe eram feitos.

Quando o juiz deu por terminado o 1.º tempo, houve uma alegria desmedida no estadio. Mesmo que o Tricolor viesse a perder, já tinha realizado uma tarefa de cujas proporções ninguém suspeitava. A sua estreia vinha sendo encarada como um sacrificio, esses sacrificios inevitaveis pelos quais devem passar todos aqueles que se arriscam a correr parelha com os poderosos.

No vestiario, João Costa animou seus companheiros. Falou-lhes da tatica empregada pelo Vulcão. Disse-lhes que agora é que os adversarios iam atacar fundamente. Eles estavam se guardando na defesa com o evidente proposito de cansar os avantes do Tricolor. Era essa velha tatica do seu antigo clube. Agora, seus companheiros de defesa que abrissem os olhos porque os dianteiros iriam fazer todo o empenho de chegar até sua meta. Delineou o procedimento que deviam ter todos os elementos. Aconselhou um disfarçado recuo da linha dianteira, no intuito de garantir o empate si por acaso

os ataques do Vulcão se tornassem muito agressivos e difíceis de controlar.

Disse que mesmo o empate seria um triunfo, levando-se em conta o prestígio do adversário.

O juiz chamou os jogadores. Ia-se dar início ao 2.º tempo. O Cel. Firmino havia estado no vestiário dos seus homens e dera instruções. Ralhou com uns, animou outros e disse-lhes que o Vulcão precisava ganhar aquele jogo. Não podia terminar daquele jeito. Seria uma vergonha o seu clube sair de um amistoso sem abrir contagem, principalmente contra um time que estava jogando pela primeira vez. Falou-lhes que o adversário havia demonstrado mais conjunto, maior entendimento e que os do Vulcão não tinham vontade de marcar. O velho estava mesmo zangado.

Quando os tricolores entraram em campo, novamente, partiram vozes das arquibancadas.

— Façam a banda tocar, tricolores! Os vulcanenses perderam a batuta!

Deu-se início ao jogo. O ataque do Vulcão caminha com rapidez, anula a intervenção dos meios tricolores mas o zagueiro direito rechaça com violência. A bola cai nos pés do extremo tricolor, mas este perde para o meio esquerdo do Vulcão que a impulsiona, caminha com ela, finta o ponteiro adversário, adianta para o centro atacante que dá para o meia direita. A zaga fecha sobre ele mas não consegue arrebatá-lo a bola. Ele investe e quando o arqueiro do tricolor se prepara para agarrar, desfere um chute violentíssimo, enfiado, e vasa o arco.

Os vulcanenses quasi põem o estádio abaixo. Os chapéus são arremessados e a Lira Pedroucense rompe num dobrado sacudido, enquanto lá fóra estrogem foguetes. O Cel. Firmino sacode-se todo e dá vasa ao seu contentamento.

— Então esses meninos pensavam que iam tirar o couro ao meu clube, hein? Estão enganados. Não é com tanta

sede que se vai ao pote. Devagar rapaziada. Ainda temos muito que fazer...

João Costa não deixou que os seus companheiros fossem tomados de desanimo. Animou-os, deu ordens terminantes para a nova tática a ser adotada e, depois de cessados os últimos sons da banda, a bola foi posta novamente em circulação.

Novamente os tricolores no ataque. O gol do adversario foi de efeito deprimente apenas momentaneo. João Costa soube conduzir com garbo e justeza os quatro homens da sua linha de frente. As bolas contra o gol do Vulcão repetiam-se com pasmosa regularidade. A assistencia estava tomada de verdadeira loucura. Os gritos, os incentivos não tinham solução de continuidade. O estadio todo havia sido tomado de uma febre de entusiasmo empolgante. Até os proprios vulcanenses estavam um pouco contagiados por aquele ardor do clube que surgia e que tinha o topete de enfrentar de cabeça erguida o terror das redondezas. O Cel. Firmino e mais os que o cercavam, todos adeptos ferrenhos do Vulcão, mordiam os labios. Estavam palidos, não podiam esconder a grande emoção que os dominava.

Si o jogo continuasse naquele ritmo, certamente o tricolor sairia do campo com uma vitoria retumbante. Mas a bola buscava o arco do Vulcão e "Barreira" lá estava para segura-la ou para rebate-la quando não podia encaixar o balaõ. A forma do arqueiro vulcanense era incrivel. Os proprios tricolores estavam boquiabertos com a agilidade do fenomenal goleiro. Ele era, realmente, um jogador de classe no posto, porem jamais havia realizado uma partida tão assombrosa como aquela. O comandante do ataque do Vulcão procurava levar seus homens para a frente, queria ter a iniciativa das arremetidas mas a retaguarda tricolor estava se desdobrando. Era impossivel vencer aquela linha de defesa que havia se transformado numa muralha. Enquanto isso os tricolores continuavam jogando no campo do adversario. A cada lance desenhava-se o gol. O seu amadurecimento estava já completo e bastava apenas que se desse mais uma

sacudidela contra o arco de Rosado para a bola aninhar-se nas redes. Não era possível continuar a ofensiva daquela maneira sem se concretizar o tento. O desespero havia tomado todos os vulcanenses das arquibancadas. De repente houve uma reação séria. Os avantes vulcanenses se apoderaram da bola e desceram com velocidade. Houve um desaforo entre os torcedores. Pelo menos no momento estava afastado o perigo. As cargas passaram a ser feitas contra o arco do tricolor, mas a defesa estava alerta. Novamente os tricolores investem contra o campo adversario e desta vez a bola foi a escanteio. Bateu-o João Costa. O centro-avante estava jogando com alma. Só quando o Vulcão enfrentou o Buriti, em partida decisiva de campeonato foi que ele jogara da maneira como estava atuando agora. Chutado o escanteio, foi infrutifero o seu resultado. Rosado livrou o perigo rebatendo com as mãos. Os minutos estavam se escoando. Os relógios eram consultados por toda a assistencia. Os tricolores, na ansia de prolongarem o tempo porque sabiam que o segundo gol viria. Os vulcanenses com pressa de garantirem a vitoria.

A bola foi para o meio do campo e os tricolores dela se apoderaram. Controlaram-na com pericia, voltaram para o meio campo do Vulcão e, já aí, os vulcanenses davam mostra de nervosismo. Quando os tricolores estavam na area de penalidade um dos zagueiros entrou ilegalmente no adversario. O juiz consignou a pena maxima e houve enorme barulho na assistencia.

Apesar dos protestos a bola foi colocada no ponto branco.

João Costa foi cobrar a falta. Houve grande silencio. Todos ficaram em suspenso. Rosado colocou-se no meio do arco e percebia-se que o guardião tinha os nervos tensos. Ouviu-se o apito. O tiro partiu e o centro-avante colocou a pelota, habilmente, no canto esquerdo, vasando a méta de Rosado.

As arquibancadas tremeram com o grito de alegria da assistencia. Os minutos estavam "pingando". Estava, portanto, garantido o empate.

Finalmente o juiz trilou o apito dando por encerrado o jogo. Houve uma alegria desmedida entre os jogadores tricolores. Aquele empate era uma consagração. Ter uma estreia contra o campeão assinalando resultado de 1 a 1, era uma vitória. Os elementos do novo clube supriram os pontos falhos da equipe com a própria alma. Jogaram como talvez jamais tivessem feito em toda sua vida. Dominaram o jogo durante grande parte e a vitória seria uma justiça. Apenas por falta de sorte foi que se manteve o empate. O Vulcão devia, entretanto ao seu grande arqueiro aquele resultado. Outro goleiro no posto e o tricolor teria enfiado um rosario de tentos.

A alegria nas arquibancadas era incontroleavel. O unico que se mantinha calado era o Cel. Firmino. Não compreendia aquilo. Tinha impetos de pegar todos os seus jogadores e atira-los numa caldeira. Entrou no gramado, foi diretamente ao arqueiro e abraçou-o comovido.

— Foi você o heroi do Vulcão. Livrou-nos de uma derrota vergonhosa contra um quadro estreante e sem credenciais tecnicas. Felicito-o por isso. Olhou depois para os demais jogadores e teve palavras de censura para todos. Depois procurou Jonguinho e conversou com ele longamente. Não queria culpar o centro-avante. Estava ainda desambientado e trabalhou como poudes. Não conhecia ainda o jogo dos companheiros e precisava de algum tempo para se entrosar no sistema de ataque do Vulcão.

O Cel. Firmino saiu dali desarvorado. O velho apresentava a fisionomia de um homem que houvesse envelhecido repentinamente. Estava profundamente abatido. Subiu a rua sozinho, fugindo dos amigos. Ia rememorando tudo o que havia precedido o aparecimento daquele clube que era agora uma ameaça à invencibilidade do Vulcão. Pensou em João Costa e esboçou um sorriso de odio. Estava ali o homem que havia se constituido no espantalho de sua vida esportiva. Porque foi o se ucaixeiro se meter em futebol, fora

do seu terreno proprio de jogador? Estaria João Costa fazendo tudo aquilo apenas para contraria-lo ou para diminui-lo? Haveria um jeito, entretanto, de acabar com aquilo. E o melhor era agir logo, para que a coisa não tomasse vulto. Estava assentado. Haveria de fazer assim.

Quando terminou de formular sua decisão, chegou em frente à loja. Tirou a chave, meteu-se no escritorio e sentou à escrivaninha.

A Lira Pedroucense subiu a rua tocando a velha marcha que durante varios anos vinha cadenciando os passos dos seus componentes. O som marcial da musica chamou a atenção de todos os moradores e as janelas foram tomadas. Atrás vinha a massa de torcedores, principalmente os tricolores, com a fisionomia aberta numa alegria incontida. A diretoria do novo clube dirigiu-se, incorporada, ao hotel. Ali chegaram tambem os convidados. A mesa do banquete aos que haviam ido a Pedrouços especialmente para a estreia do C. A. Tricolor estava pronta. Foram chegando depois os mais prominentes esportistas não só da cidade como dos lugares vizinhos. Veiu a diretoria do Vulcão, com o Cel. à frente, já agora com a fisionomia tranquila e procurando demonstrar inteira calma. Para os que o conheciam, porem, aquilo era cinza encobrendo brazas. A João Costa não passou despercebido isso.

Aninha lá estava com a sobrinha e conversava animadamente com o marido. Estava agora de boa saude e demonstrava grande satisfação pelo sucesso de João Costa. Interessava-se pelas minucias, fazia perguntas e cercava a todos de gentilezas. Elogiava os jogadores, brincava com os conhecidos e parecia, pelos seus modos, que ha anos vinha acompanhando a vida futebolistica de Pedrouços, tal o desembaraço como abordava os varios assuntos referentes à conduta dos clubes.

O banquete foi a consagração do trabalho daqueles homens que se empenharam na fundação do C. A. Tricolor. O

acontecimento não ficou apenas circunscrito aos círculos esportivos. Tomou conta de toda a cidade e enquanto os convivas davam largas ao seu contentamento, confraternizando-se vencidos e vencedores, à porta do hotel a Lira Pedroucense desfiava o seu repertório, como avisando Pedrouços que se iniciava um novo ciclo na vida esportiva da localidade.

Depois de terminado aquele conagraçamento esportivo — o batismo definitivo do C. A. Tricolor — que passou assim a integrar a marcha do esporte no interior, como a cristalização da simpatia da torcida sampaulina, João Costa sentiu-se bem pago de todos os trabalhos. Saído o último convidado o inflamado sampaulino aproximou-se de Aninha, tomou-lhe do braço e encaminhou-se para casa.

— Está contente? Só agora é que podemos conversar sossegados. Gostou do jogo? Viu como chegamos a realizar os nossos desejos?

— Estou contentíssima. Valeu a pena tudo o que vocês fizeram. Só agora compreendo que para se conseguir qualquer coisa na vida é preciso que haja esforço, abnegação, luta enfim. Sem toda a cansaça que caracteriza os cometimentos, jamais a humanidade teria alcançado essa evolução que vem transformando o homem, desde a idade aquosa até os nossos dias. Sente-se feliz, não é?

— Felicíssimo. Consegui o meu intento.

Chegaram em casa. Aninha e João Costa fizeram desaparecer todas as nuvens escuras que punham pontos tristes no céu de sua vida conjugal. E para completar a felicidade, pelo menos temporariamente, ali estava Olga, aquela menina que era o enlevo de Aninha, o raio de sol que iluminava a casa.

CORAÇÃO DE SAMPAULINO

ROMANCE

DIMAS DE ALMEIDA

Continua na parte II

Digitalização
Giancarlo Zapelloni

Editoração
Michael Serra

2011-2019



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ